

B. Godoy Paiva



Síntese de O LIVRO DOS ESPÍRITOS

Edições
FEESP

Allan Kardec

SÍNTESE DE “O LIVRO DOS ESPÍRITOS”

De Allan Kardec

EDIÇÕES "FEESP"

FEDERAÇÃO ESPIRITA DO ESTADO DE SÃO PAULO

APRESENTAÇÃO DA 4.^a EDIÇÃO

A Federação Espírita do Estado de São Paulo caracteriza-se no movimento espírita nacional, como uma entidade voltada também para o ensino regular do Espiritismo.

Fundou, desenvolveu e vem mantendo, há mais de 30 anos, cursos que visam formar novas gerações de espíritas mais conscientes e preparados.

É natural, portanto, que tenha somado experiências neste campo de atividades e possa oferecer sua contribuição para facilitar o conhecimento exato da Doutrina Espírita através de publicações sintéticas e acessíveis ao público, de que é exemplo a reedição da presente obra, fruto do laborioso e saudoso confrade Benedito de Godoy Paiva, que inestimáveis serviços prestou ao movimento espírita.

EDIÇÕES FEESP

PRIMEIRA PARTE CAUSAS

PRIMARIA

CAPITULO I DEUS

1 — *Deus e o Infinito.* "Deus é a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas". Dizer que Deus é o infinito é definição incompleta, dada a pobreza de nossa linguagem; é tomar o atributo de uma coisa, pela própria coisa; é definir uma coisa desconhecida por outra desconhecida. O infinito é uma abstração.

2 — *Provas da existência de Deus.* Desde que não há efeito sem causa, olhando a criação, considerando o universo, podemos tomá-lo como um efeito, cuja causa é Deus. O sentimento de que Deus existe encontra-se até nos selvagens; não é, pois, fruto da educação; é um sentimento universal. Tomando-o como efeito, sua causa é também universal. Esta causa é Deus.

Alguns atribuem às propriedades da matéria a causa primeira da formação das coisas. Há nisso um erro, porque os efeitos, isto é, as propriedades da matéria, são tomadas como causa.

Outros atribuem a criação das coisas a uma combinação fortuita da matéria, isto é, ap acaso. Outro absurdo: acaso é apenas a manifestação de um fenômeno cujas leis ainda não apreendemos.

Diz-se que pela obra se conhece o autor. Há inteligência nas manifestações gerais do universo; o homem não pode criar o que cria a natureza. Então a causa mater da natureza é uma inteligência superior à humanidade.

3 — *Atributos da Divindade.* Não pode o homem compreender Deus; falta-lhe sentido para tanto. Pode, entretanto, fazer uma idéia de seus atributos. Assim, dizemos que é eterno, porque é a causa primeira de tudo; como infinito no tempo e no espaço, é eterno e infinito, portanto imutável, único, onipotente. Como sua natureza difere do que é material, dizemos que é imaterial ou um puro espírito. Infinito e eterno como causa, mantém a harmonia do universo, a imutabilidade das leis, sendo, pois, soberanamente bom e justo.

4 — *Panteísmo.* Para a escola panteísta, Deus é a resultante de todas as forças e inteligência do universo. Se assim fosse, Deus seria efeito e não causa. Nesse labirinto o homem se perde e não se torna melhor: apenas mais orgulhoso. Antes deixar de lado as questões teleológicas. Estudemos nossas imperfeições e aquilo que nos toca de perto. Admitindo que todos os seres e todos os mundos são parte da Divindade — ou, no conjunto, a própria Divindade — o panteísmo toma Deus um ser material. Além desse absurdo, compromete o atributo da imutabilidade divina, pois o universo está em constante transformação.

Revela-se a inteligência de Deus em suas obras, como a do pintor nos seus quadros. E como o quadro não é o pintor que o concebeu e executou, assim as obras de Deus não são o próprio Deus.

CAPITULO II DOS ELEMENTOS

GERAIS DO UNIVERSO

1— *Princípio das coisas.* O conhecimento do princípio das coisas é dado ao homem paulatinamente, à medida que se vai depurando: a ciência lhe é valioso elemento, mas nem tudo poderá ele compreender, porque lhe faltam ainda certas faculdades.

Infelizmente o orgulho leva o homem de ciência a preestabelecer sistemas que o emparedam, limitando a visão, fazendo repelir verdades e consagrar erros. Entretanto Deus permite, por vezes, que sejam reveladas ao homem certas verdades, por processos que estão além dos conhecimentos normais da ciência. Entre essas verdades estão as relativas ao seu passado e ao seu futuro.

2— *Espírito e Matéria.* Há uma impossibilidade prática de se resolverem as chamadas questões teleológicas, isto é, as causas primeiras e as causas finais. Entretanto, sabendo-se que Deus é eterno e, mais, que nunca esteve inativo, sua ação se deve ter exercitado sempre, o que quer dizer, aplica-se sempre sobre alguma coisa — a matéria. No limitado de suas percepções, costuma o homem dizer que matéria é a extensão impenetrável. Esquece, entretanto, que até agora só atingiu uma certa faixa dos estados em que a matéria se pode apresentar. Há, pois, estados de matéria que não são ainda percebidos pelo homem ou, pelo menos, não o são de um modo geral.

Qualquer, porém, que seja o estado, podemos dizer que o Espírito é o agente e que a matéria é o instrumento de que se serve, ao mesmo tempo que sobre o mesmo exerce a ação.

O Espírito, o princípio inteligente do universo, independe da matéria. Assim, pode-se dizer que a trindade universal é constituída por Deus, o Espírito e a Matéria. A ligação entre Espírito e Matéria é feita por um elemento intermediário ou a matéria quintessenciada, de propriedades características. Por isso, esse fluido pode ser o elemento de produção de uma infinidade de coisas e fenômenos, na maioria pouco ou nada conhecidos.

Em resumo, a matéria não é inteligente; o princípio inteligente independe da matéria. A origem de ambos é desconhecida; estão porém subordinados à lei geral, a uma inteligência suprema — Deus.

3 — *Propriedades da Matéria.* As definições mais comuns da matéria, bem como os atributos que lhe reconhecemos, aplicam-se à matéria nas condições em que a conhecemos. Há, porém, estados que nos escapam. De um modo geral podemos dizer que ela é uma forma de energia universal e que a multiplicidade de seus aspectos está condicionada à variação molecular. Assim, sendo procedente da mesma fonte de energia, diferencia-se: a extensa lista dos corpos químicos, ditos elementos, são, em verdade, modificações da

substância primitiva.

Por outras palavras: a multiplicidade de aspectos e de propriedades da matéria dependem da força, do movimento e da disposição relativa das moléculas constituintes dos corpos. Nas moléculas elementares primitivas a forma é constante; suas agloinações entretanto variam, o que faz variar a forma das moléculas secundárias. Daí a diversidade na natureza.

4 — Espaço. O espaço universal é ilimitado. Se tivesse limite, algo o estaria limitando, por mais que o nosso pensamento recue em tal limite. Assim, não há o vazio na Natureza: o que tal nos parece está ocupado por uma matéria, uma forma de energia, que nos escapa.

CAPÍTULO III DA CRIAÇÃO

1 — Formação dos mundos. O Universo, abrange os mundos, visíveis ou invisíveis, seres animados e inanimados, e fluidos que encham o espaço.

Foi criado por Deus, pela sua vontade, e os mundos que o povoam se formam pela condensação da energia cósmica; evoluem e se desintegram ao termo final dessa mesma evolução. O tempo de sua formação e duração não é conhecido nem pode ser determinado.

2 — Formação dos seres vivos da Terra. Assim que cessou o caos e a confusão dos elementos da Natureza, os princípios orgânicos se congregaram e deram nascimento aos germens de todos os seres vivos que, em estado latente, aguardavam o momento favorável ao seu desenvolvimento; assim que as condições foram propícias, esses germens se reuniram e se multiplicaram, cada um segundo sua espécie.

Antes da formação da Terra esses elementos orgânicos se achavam em estado fluídico no Espaço ou em outros mundos.

Entre esses elementos orgânicos, também se encontrava a espécie humana, que a seu tempo se desenvolveu como tudo o mais.

A época do aparecimento dos seres vivos e do homem na Terra não pode ser determinada com exatidão.

3 — Povoamento da Terra — Adão. A espécie humana não se gerou de um único casal e Adão, segundo uns, representa os sobreviventes de cataclismos havidos em eras remotas, passando a formar o tronco de uma das raças atualmente existentes.

Segundo outros mais bem inspirados, Adão é o símbolo das primeiras idades do mundo.

4 — Diversidade das raças humanas. A diversidade das raças que habitam na Terra advém do clima, da vida que levaram e dos costumes que adotaram.

Os homens surgiram em vários lugares e depois se dispersaram, cruzaram-se e formaram novos tipos e novas raças, se bem que todos tenham a mesma origem e o mesmo fim.

5 — Pluralidade dos mundos. Todos os mundos são habitados e há mundos inferiores e

superiores à Terra, pois toda a criação de Deus tem um fim útil e sábio; esses diferentes mundos têm constituição, condições de vida e populações diferentes, segundo o grau de evolução de cada um.

O sol é uma fonte de luz e de calor para os mundos do nosso sistema planetário, porém há muitos sóis propiciando vida e movimento a outros sistemas, em muitos dos quais os elementos mantenedores da vida física, além da luz e calor, são de outra natureza como, por exemplo, a energia eletromagnética.

6— *A Criação e o Velho Testamento.* As últimas investigações da ciência confirmaram as revelações feitas por Moisés sobre a criação da Terra, admitindo-se que cada "dia da criação" seja uma "época geológica" durante a qual os seres vivos se desenvolveram por seleção natural, vindo o homem em último lugar no tempo.

CAPITULO IV DO PRINCIPIO VITAL

1— *Seres orgânicos e inorgânicos.* Seres orgânicos são os que possuem em si mesmos uma fonte interna de atividade vital e órgãos apropriados à vida; são os vegetais, os animais e os homens. Inorgânicos são os corpos sem vida e movimento próprios e que se formam por agregações de matéria, como por exemplo os minerais, a água, o ar, etc.

A matéria formadora de todos os corpos é sempre a mesma; nos orgânicos, porém, ela está animalizada pela sua reunião com o princípio vital e também a força que os une é uma só, a saber: a de atração.

A vida se origina da ação do princípio vital sobre todos os seres capazes de absorvê-lo e assimilá-lo.

Esse princípio vital que se origina do fluido universal é o terceiro agente da vida do universo; é o elo que liga o espírito à matéria e o agente motor dos corpos orgânicos.

2 — *A vida e a morte.* Quando os órgãos dos seres orgânicos se esgotam ou se destroem, sobrevém a morte; a matéria inerte se decompõe e vai formar novos organismos, enquanto que o princípio vital volta à fonte de onde saiu.

Usando de uma figura, diremos que os corpos orgânicos são como aparelhos elétricos, que somente demonstram vitalidade quando acionados pela corrente.

A atividade do fluido elétrico determina o fenômeno da vida; a ausência desta causa a inércia, a morte do aparelho.

3 — *Inteligência e instinto.* A inteligência, cuja fonte é a inteligência universal, é atributo do espírito, mais precisa de órgão de manifestação que só obtém unindo-se à matéria animalizada. Na natureza vemos: 1) seres inanimados, formados só de matéria, sem vitalidade própria e sem inteligência; 2) seres animados, formados de matéria, dotados de vitalidade, porém sem inteligência; 3) seres animados, formados de matéria, dotados de vitalidade e de inteligência, e por isso mesmo, possuidores da faculdade de pensar.

Os seres inferiores, inclusive os homens, incapazes ainda de raciocínio, possuem o instinto, que é uma forma rudimentar da inteligência, e com auxílio do qual provêm suas necessidades.

O crescimento da inteligência, todavia, não destrói o instinto, que sempre permanece no homem, porque é uma emanção da inteligência universal.

O homem intelectualizado possui a faculdade da razão e do livre arbítrio, porém suas paixões inferiores muitas vezes falseiam e perturbam as manifestações da razão. O instinto, entretanto, não sofre essas influências e se conserva sempre em condições de ser útil nas atividades da vida individual.

O instinto aliado à inteligência conduz o homem ao procedimento mais acertado.

SEGUNDA PARTE DO MUNDO DOS ESPÍRITOS

CAPÍTULO I DOS ESPÍRITOS

1— *Origem e natureza dos Espíritos.* Os Espíritos são os seres inteligentes da criação. São criados por Deus para a vida na eternidade e representam individualizações do princípio, inteligente do Universo. Povoam o universo, fora do mundo material. Quando ou como foram criados, não sabemos, e defini-los em todas as suas características não o podemos, porque faltam à humanidade terrena termos de comparação, dentro da sua linguagem deficiente e sobretudo virtudes morais para receber instruções do mundo espiritual nesse sentido.

2 — *Mundo normal primitivo.* Os Espíritos constituem um mundo à parte — o mundo dos Espíritos — que preexiste e sobrevive a tudo: interpenetra o mundo material e interfere nele, atuando sobre os seus habitantes, quase sempre despercebidamente e dele também recebendo influências. Os Espíritos são uma das Potências da Natureza e instrumentos de Deus para a execução de seus desígnios. Povoam os espaços infinitos e estão por toda parte nos dois mundos.

3 — *Forma e ubiquidade dos Espíritos.* Os Espíritos não têm forma determinada, limitada ou constante, a não ser para os próprios Espíritos.

21

Poderemos considerá-los como uma chama, um clarão ou uma centelha etérea, com um coloração do escuro e opaco a uma cor brilhante, conforme a pureza de cada um. Têm a faculdade de percorrer o espaço, com a rapidez do pensamento. A matéria não lhes opõe obstáculos e, assim, eles passam através de tudo. Não têm o dom de ubiquidade, mas cada um é um centro que irradia para diversos lados, assim como o sol irradia em todos os sentidos. Essa qualidade, entretanto, depende do grau de pureza de cada um.

4 — *Perispírito.* O Espírito é envolvido por uma substância vaporosa que lhe permite elevar-se na atmosfera e transportar-se de um ponto para outro. Esse seu invólucro é proveniente do fluido universal de cada globo. Assim, para passar de um mundo a outro, o Espírito muda de envoltório. Esse envoltório tem a forma que o Espírito deseja e pode tornar-se visível e mesmo palpável para nós.

5 — *Diferentes ordens de Espíritos.* Os Espíritos são de diferentes ordens, conforme o grau de perfeição alcançado, e que podem ser reduzidas a três principais: — os Espíritos puros, os que chegaram ao meio da escala espiritual e os imperfeitos. Qualquer Espírito dispõe do poder de praticar o bem e, conforme o grau de perfeição, possui a ciência ou a sabedoria ou a bondade. Todos os da segunda ordem, porém, ainda têm de passar por provas, até chegar à perfeição máxima. Não há Espírito essencialmente mau; entretanto, uns há que não fazem nem o mal nem o bem; outros há que se comprazem no mal; outros levianos ou estovados, mais perturbadores que malignos, e que gostam de mistificar ou causar pequenas contrariedades, de que se riem.

. 6 — *Escala espírita*. A classificação dos Espíritos se baseia no grau de adiantamento deles, conseqüente das qualidades que já adquiriram e das imperfeições das quais ainda têm de se despojar:

a) *Terceira Ordem — Espíritos imperfeitos*. Neles predomina a matéria sobre o espírito; por isso, têm propensão para o mal. São ignorantes, orgulhosos, egoístas e portadores de outras paixões conseqüentes dessa predominância da matéria. Mesmo quando sejam intelectualmente desenvolvidos, seus sentimentos são objetos.

b) *Segunda Ordem — Bons Espíritos*. Neles é o espírito que predomina sobre a matéria e, por isso, têm o desejo do bem. Os mais adiantados reúnem o saber às qualidades morais. Não estando ainda completamente desmaterializados, conservam mais ou menos os traços da existência corporal, tanto na forma da linguagem como nos hábitos, entre os quais se descobrem, mesmo, algumas de suas propensões. Já compreendem Deus e o Infinito, e já gozam da felicidade dos bons, motivos por que se comprazem no bem, e procuram impedir o mal.

c) *Primeira Ordem — Espíritos puros*. Estes já não sofrem mais a influência da matéria. Possuem superioridade intelectual e moral absoluta, em relação aos Espíritos de outras ordens. Já percorreram todos os graus da escala, e se despojaram de todas as impurezas tendo alcançado a soma de perfeição de que é susceptível a criatura. Não têm mais que sofrer provas ou expiações, nem estão sujeitos à reencamação em corpos perecíveis. Gozam, por isso, de inalterável felicidade.

7 — *Progressão dos Espíritos*. São os próprios Espíritos que se melhoram e passam, assim, de uma ordem inferior para outra mais elevada. Deus criou todos os Espíritos simples e ignorantes, e a cada um deu uma missão com o fim de esclarecê-los e de os fazer chegar, progressivamente, à perfeição pelo conhecimento da verdade, para aproximá-los de Si. Passando pelas provas impostas por Deus é que os Espíritos adquirem o conhecimento, fazendo o aprendizado da vida, que se prolonga pelo infinito. Assim, um dia, todos os Espíritos se tornarão perfeitos. Não podem eles degenerar porque, à medida que avançam, compreendem o que os distanciava da perfeição. Concluindo uma prova, fica o Espírito com a ciência que daí lhe adveio, e não a esquece mais. Pode permanecer estacionário, mas não retrógrada. Se Deus criasse os Espíritos perfeitos, nenhum mérito teriam para gozar dos benefícios dessa perfeição. Se uns seguem o caminho do mal e outros o da perfeição, é porque Deus lhes deu o livre arbítrio, que se desenvolve à medida que o Espírito adquire a consciência de si mesmo. Os Espíritos imperfeitos exercem influência sobre ele justamente para que consiga império sobre si mesmo, e é isso que se tentou simbolizar na figura de Satanás. O Espírito que envereda pela senda do mal chegará ao mesmo grau de superioridade dos outros, mas isso lhe custará eternidades.

8 — *Anjos e Demônios*. Os seres chamados Anjos, Arcanjos, Serafins, não constituem uma categoria especial entre os Espíritos. São eles os Espíritos puros; os que chegaram ao

mais alto grau da escala, e reúnem todas as perfeições. Anjo significa "gênio" e, por isso, se diz "Anjo Bom" ou "Anjo Mau". Outras vezes classificam-se de "Anjos" os Espíritos bons e de "Demônios" os Espíritos voltados para o mal. Entretanto, não há seres criados perfeitos e superiores a todas as outras criaturas, assim como não há Demônios, no sentido que se dá a essa palavra. Deus, soberanamente justo e bom, não pode ter criado seres destinados por sua natureza ao mal, e condenados por toda eternidade. "Demônios" são os próprios homens que habitam os mundos inferiores, aos quais cabe melhor a designação de "Espíritos Impuros", e "Satanás" é, evidente, a personificação do mal, sob uma forma alegórica.

CAPITULO II DA ENCARNAÇÃO

1 — *Objetivo da encarnação.* Os Espíritos encarnam-se para que possam chegar à perfeição. Para uns, é expiação; para outros, a encarnação é missão. A encarnação visa também pôr o Espírito em condições de suportar a parte que lhe toca na obra da criação. Todos são criados simples e ignorantes, e se instruem nas lutas e tribulações da vida corporal. Os que seguem o caminho do bem chegam mais depressa ao fim que lhes compete atingir.

2 — *A alma.* A alma é um Espírito encarnado. Além da alma e o corpo, há no homem um laço que liga a alma a esse corpo. É semimaterial, e possibilita que os dois se possam comunicar e que, desse modo, o Espírito atue sobre a matéria, e vice-versa. E o perispírito. O corpo pode existir sem a alma mas, desde que cessa a vida do corpo, a alma o abandona. A vida orgânica pode animar um corpo sem alma, mas a alma não pode habitar um corpo privado da vida orgânica.

Um Espírito não pode encarnar ao mesmo tempo em dois corpos diferentes, porque é indivisível. A alma não se acha encerrada no corpo, mas irradia e se manifesta exteriormente. O Espírito tem dois invólucros: um sutil e leve, comumente chamado "perispírito"; outro grosseiro, material e pesado, que chamamos "corpo". Como o Espírito é uno, está todo na criança como no adulto; entretanto, os órgãos ou instrumentos de manifestação da alma se desenvolvem e completam. Por "alma do mundo" entende-se o princípio universal da vida e da inteligência.

3 — *Materialismo.* Os anatomistas, os fisiologistas e os que aprofundam a ciência da natureza são às vezes levados ao materialismo, porque referem tudo ao que vêem, tirando dos seus estudos uma consequência falsa; entretanto, graças às comunicações espíritas, a realidade está aparecendo.

CAPÍTULO III DÀ VOLTA DO ESPÍRITO, EXTINTA A VIDA CORPÚREA, À VIDA ESPIRITUAL

1 — *A alma após a morte.* Após a morte, a alma volta a ser Espírito, e volve ao mundo dos Espíritos, de onde se apartara momentaneamente. Aí conserva a sua individualidade; continua, então, a ter um fluido que lhe é próprio, haurido na atmosfera do seu planeta, e que guarda a aparência da sua última encarnação: o perispírito. Nada léva consigo deste mundo a não ser a lembrança e o desejo de ir para um mundo melhor, lembrança cheia de doçura ou de amargor conforme o uso que fez da vida. Temos provas da individualidade da alma depois da morte nas comunicações que dela recebemos.

A vida do Espírito é eterna; a do corpo é transitória e passageira. Não se deve designar como vida eterna apenas a dos Espíritos puros, porquanto esta é antes a felicidade eterna.

2 — *Separação da alma e do corpo.* A separação da alma e do corpo não é dolorosa. O corpo quase sempre sofre mais durante a vida do que no momento da morte. Os sofrimentos algumas vezes experimentados no momento da morte são um gozo para o Espírito, que vê chegar o termo do seu exílio. Rotos os laços que a retinham, a alma se desprende. Não há uma linha de demarcação traçada entre a vida e a morte. A alma se desprende gradualmente. Aqueles dois estados se tocam e se confundem, de sorte que o Espírito se solta pouco a pouco dos laços que o prendiam. Esses laços se desatam e não se quebram. Na agonia, a alma, algumas vezes, já tem deixado o corpo, nada mais havendo que a vida orgânica. O homem já não tem consciência de si mesmo; entretanto, ainda lhe resta um sopro de vida orgânica. O corpo é uma máquina que o coração põe em movimento: existe enquanto o coração faz circular o sangue nas veias.

No momento da morte, muitas vezes a alma sente que se desfazem os laços que a prendem ao corpo. Emprega, então, todos os esforços para desfazê-los completamente. Ao reconhecer que está no mundo dos Espíritos, a alma — se praticou o mal, impelida pelo desejo de o praticar — no primeiro momento se sente envergonhada. Com a alma do justo, as coisas se passam de modo diferente. Ela sente-se como que aliviada de grande peso, e não teme nenhum olhar perscrutador. O Espírito desencarnado encontra-se, com os que conheceu na Terra, conforme a afeição que lhes votava e a que eles lhe consagravam. Muitas vezes seus conhecidos o vêm receber à entrada do mundo dos Espíritos, e o ajudam a se' desligar das faixas da matéria. Encontra-se, também, com muitos dos que conheceu e perdeu de vista durante a sua vida terrena; vê os que estão na erraticidade, como vê os encarnados e os vai visitar. Geralmente, nos casos de morte violenta e acidental, a

separação da alma e a cessação da vida ocorrem simultaneamente, mas em todos os casos muito breve é o instante que medeia entre uma e outra. Não raro a apreensão da morte faz perder a consciência do trespassse, antes do momento do suplício, quando se trata, por exemplo, de corpos decapitados.

3 — *Perturbação espirita.* Ao deixar o corpo, a alma passa algum tempo em estado de perturbação. Essa perturbação não é do mesmo grau e da mesma duração para todos os Espíritos; depende da elevação de cada um. Aquele que já está purificado se reconhece quase imediatamente, pois que já se libertou da matéria antes que cessasse a vida do corpo, enquanto que o homem carnal, cuja consciência ainda não está pura, guarda por muito tempo a impressão da matéria. O conhecimento do espiritismo exerce influência muito grande sobre a duração mais ou menos longa da perturbação, pois que o Espírito já antecipadamente compreendia a sua situação. Entretanto, a prática do bem e a consciência pura são o que maior influência exercem.

CAPITULO IV DA PLURALIDADE DAS EXISTÊNCIAS

1 — *A reencarnação.* A alma que não alcançou a perfeição durante a vida corpórea acaba de depurar-se sofrendo a prova de tuna nova existência, durante a qual experimenta uma transformação para melhor. Por isso passa por muitas existências corporais. O objetivo da reencarnação é, pois, expiação, melhoramento progressivo da humanidade. Em cada nova existência o Espírito dá um passo para diante, na senda do progresso. Desde que se ache limpo de todas as impurezas, não tem mais necessidade das provas da vida corpórea. Ao final da última encarnação, o Espírito é um bem-aventurado; um Espírito puro.

2 — *Justiça da reencarnação.* A reencarnação do Espírito prova a justiça de Deus, pois o bom pai deixa sempre aberta aos seus filhos uma porta para o arrependimento. Deus seria injusto se privasse para sempre da felicidade eterna todos aqueles dos quais não dependeu o se melhorarem. Todos os homens são filhos de Deus. Só entre os egoístas se encontram a iniquidade, o ódio implacável e os castigos sem remissão.

3 — *Encarnação nos diferentes mundos.* As nossas diversas existências corporais não se verificam todas na Terra. Vivêmo-las em diferentes mundos. As que aqui passamos não são as primeiras nem as últimas; são, porém, das mais materiais e das mais distantes da perfeição. A alma pode viver muitas vezes no mesmo globo, se não se adiantou bastante para passar a um mundo melhor. Assim, podemos reaparecer muitas vezes na Terra. Tornar a viver na Terra não constitui, entretanto, uma necessidade; assim, se não progredirmos, poderemos ir para um outro mundo que não valha mais do que a Terra, e que talvez seja, até, pior que ela. Não há vantagem particular em voltar-se a habitar a

Terra, a menos que isso seja em missão, caso em que se progride na Terra como em qualquer outro planeta. Não seria conveniente que permanecêssemos sempre na condição de Espírito desencarnado, porque estacionaríamos, e o que se quer é caminhar para Deus. Há Espíritos que depois de encarnar em outros mundos, passam a se encarnar na Terra, sem nunca ter aqui estado, porque todos os mundos são solidários entre si; o que não se faz num, faz-se noutro. Muitos homens há que estão na Terra pela primeira vez, em graus diversos de adiantamento. Para chegar à perfeição e à suprema felicidade — destino final de todos os homens — não é preciso que o Espírito passe pela fileira de todos os mundos existentes no univêrso, porque muitos são os mundos correspondentes a cada grau da respectiva —escala, e o Espírito, saindo de um deles, nenhuma coisa nova aprenderia nos outros do mesmo grau. De cada vez o Espírito encarnado poderá ocupar em um mundo posição diferente das anteriores, e nessas diversas posições se lhe deparam outras tantas ocasiões de adquirir experiência. Em missão, com o objetivo de auxiliarem o progresso, há Espíritos que se encarnam em planetas inferiores aos que hábitavam, caso em que aceitam, alegres, as tribulações de tal existência, por lhes proporcionarem meios de se adiantarem. Esses Espíritos não estão retrogradando, porque não podem retrogradar; entretanto, se estacionarem em sua evolução, sua punição consistirá em não avançar — em recomeçar no meio conveniente à sua natureza as existências mal empregadas. Os Espíritos que faliram em suas missões ou em suas provas têm de recomeçar a mesma existência.

Nem todos os seres que habitam cada mundo alcançaram o mesmo nível de perfeição; uns Espíritos são mais adiantados que outros, como acontece na Terra. Passando deste planeta para outro, o Espírito conserva a inteligência que aqui tinha. Pode, porém, acontecer que não disponha dos mesmos meios para manifestá-la, dependendo isso de sua superioridade e das condições do corpo que tomar.

Os seres que habitam os diferentes mundos têm corpos. Esses corpos — ou envoltórios — são mais ou menos materiais, conforme o grau de pureza a que chegaram os Espíritos.

Não podemos conhecer exatamente' o estado físico e moral dos diferentes mundos, porque nem todos os habitantes da Terra estão em condições de compreendê-lo, e semelhante revelação nos perturbaria. Indo de um mundo para outro, o Espírito passa por uma espécie de nova infância, isto é, por uma transição necessária, mas não tão atrasada como a deste mundo. O Espírito pode pedir que lhe seja permitido, depois de desencarnar, ir para este ou aquele mundo, e pode ser atendido, se o merecer, conforme o seu grau de elevação. Há mundos onde o Espírito, deixando de revestir corpos materiais, só tem por envoltório o perispírito. Resulta daí que, entre o estado correspondente às últimas encarnações e o de Espírito puro, não há linha divisória perfeitamente demarcada. A diferença entre um e outro estado vai-se apagando pouco a pouco e acaba por ser imperceptível, tal qual se dá com a noite, às primeiras claridades do alvorecer. A substância do perispírito não é a mesma em todos os mundos. Passando de um mundo a outro, o

Espírito se reveste da matéria própria desse outro. Os Espíritos puros habitam certos mundos, mas não ficam presos a eles, como os homens à Terra. Podem, melhor do que outros, estar em toda parte.

4 — *Transmigrações progressivas.* Em sua origem, a vida do Espírito é apenas instintiva. Ele mal tem consciência de si mesmo e dos seus atos. A inteligência só pouco a pouco se desenvolve. O estado da alma, em sua primeira encarnação, é o da infância na vida corporal; a inteligência apenas desabrocha, é a alma se ensaia para a vida. As almas dos selvagens já são de infância relativa, pois já são almas desenvolvidas, visto que já nutrem paixões, o que denota atividade e consciência do eu. Na alma primitiva, a inteligência e a vida se acham em estado de gérmen.

Nenhuma alma pode se tomar Espírito puro sem transpor todos os graus da escala do aperfeiçoamento. Dá-se com o Espírito o que se verifica com a criança que, por mais precoce que seja, tem de passar pela juventude, antes de chegar à idade de madureza, ou com o enfermo que, para recobrar a saúde, tem de passar pela convalescença. Entretanto, pode o homem, já na vida presente, preparar com segurança para si uma existência futura menos cheia de amarguras.

Em sua nova encarnação, a alma de um homem de bem nunca poderá animar o corpo de um celerado; entretanto, a de um homem perverso pode tornar-se a de um homem de bem, isto porque a alma não pode degenerar.

A possibilidade de se melhorar em outra existência não deve fazer crer a certas pessoas na conveniência de perseverarem no mau caminho com a esperança de se corrigirem mais tarde, pois liberto que o Espírito se veja da matéria, verificará que fez cálculo errado. O Espírito deve influir sobre o corpo, para que a alma se melhore, porque o Espírito é tudo.

5 — *Sorte das crianças depois da morte.* Algumas vezes, o Espírito de uma criança que morre em tenra idade é mais adiantado que o de um adulto, porquanto pode dar-se que muito mais já tenha vivido e adquirido maior soma de experiência, progredindo mais que o adulto. É por isso que muitas vezes o Espírito de uma criança é mais adiantado que o de seu pai. A curta duração da vida de uma criança pode representar para o Espírito que a animava o complemento de uma existência precedentemente interrompida antes do momento em que deveria terminar, e sua morte também não raro constitui provação ou expiação para os pais. A criança que morre neste mundo recomeça outra existência.

6 — *Sexos nos Espíritos.* Os Espíritos não têm sexo como nós o entendemos, pois que os sexos dependem da organização. Entre os Espíritos há amor e simpatia mas baseados na concordância dos sentimentos. Em nova existência, o Espírito que animou o corpo de um homem pode animar o de uma mulher, e vice-versa. Tudo depende das provas por que tenha de passar na nova existência.

7 — *Parentesco. Filiação.* Os pais transmitem aos filhos apenas a vida animal, pois que a alma é indivisível. Um pai estúpido pode ter filhos inteligentes, e vice-versa. A sucessão das

existências corporais estabelece entre os Espíritos ligações que remontam às nossas existências anteriores. Daí, muitas vezes, a simpatia que vêm a existir entre nós e certos Espíritos que nos parecem estranhos. A doutrina da reencarnação não destrói os laços da família, mas os distende. Essa doutrina amplia os deveres de fraternidade, porquanto no nosso vizinho ou no nosso servo pode achar-se um Espírito ao qual tenhamos estado presos por laços de consangüinidade. Se bem que os Espíritos não procedam uns dos outros, nem por isso menos afeição consagram aos que lhes estão ligados pelos elos da família, dado que muitas vezes eles são atraídos para tal ou qual família pela simpatia ou pelos laços que anteriormente se estabeleceram.

8 — *Parecenças físicas e morais.* Frequentemente os pais transmitem aos filhos a aparência física, mas não transmitem a aparência moral, porque diferentes são as almas ou Espíritos de uns e de outros. O corpo, deriva do corpo, mas o Espírito não procede do Espírito. Entre os descendentes das raças há apenas consangüinidade. As parecenças morais que costumamos ver entre pais e filhos derivam de que uns e outros são Espíritos simpáticos que reciprocamente se atraíram pela analogia dos pendores. Os Espíritos dos pais, entretanto, exercem bem grande influência sobre o filho, depois do nascimento. Por isso os Espíritos dos pais não devem se esquecer de que têm por missão desenvolver os dos seus filhós pela educação. Tornar-se-ão culpados se vierem a falir no seu desempenho. Além disso, não é raro que um mau Espírito peça lhe sejam dados bons pais, na esperança de que seus conselhos o encaminhem por melhor senda, e muitas vezes Deus lhe concede o que deseja. Os pais não podem atrair para o corpo em formação um bom Espírito ou um inferior, mas podem melhorar o Espírito do filho que lhes nasceu e está confiado. E, é esse o seu dever. Os maus filhos são uma provação para os pais. A semelhança de caráter que muitas vezes existe entre dois irmãos, mormente se gêmeos, é consequente de serem Espíritos simpáticos, que se aproximam por analogia de sentimentos e se sentem felizes por estar juntos. Não é de regra, entretanto, que sejam simpáticos os Espíritos dos gêmeos. Além disso, acontece, também, que Espíritos maus entendam de lutar juntos no palco da vida.

Os Espíritos também se agrupam em famílias, formando-as pela analogia dos seus pendores mais ou menos puros, conforme a elevação que tenham alcançado. Um povo é unia grande família formada pela reunião de Espíritos simpáticos. Nas tendências que apresentam os membros dessas famílias, para se unirem, é que está a origem da semelhança que, existindo entre os indivíduos, constitui o caráter distintivo de cada povo.

Sendo o Espírito sempre o mesmo, nas diversas encarnações, podem existir certas analogias entre as suas manifestações, se bem que modificadas pelos hábitos da posição que ocupe, até que um aperfeiçoamento notável lhe haja mudado completamente o caráter, porquanto de orgulhoso e mau pode tornar-se humilde e bondoso, se se arrependeu. O novo corpo, entretanto, que o Espírito toma nenhuma relação tem com o que foi anteriormente

destruído, se bem que o Espírito se reflita no corpo, que se modela pelas capacidades do Espírito, que lhe imprime certo cunho, sobretudo no rosto.

9 — *Idéias inatas.* O Espírito guarda vaga lembrança das existências anteriores, que lhe dá o que se chama idéias inatas. Os conhecimentos adquiridos em cada existência jamais se perdem. Liberto da matéria, o Espírito os tem presentes. Durante a encarnação, esquece-os em parte, momentaneamente, porém a intuição que deles conserva lhe auxilia o progresso. A origem das faculdades extraordinárias dos indivíduos que, sem estudo prévio, parecem ter a intuição de certos conhecimentos, de línguas, de cálculo, etc., está na lembrança do passado. O corpo muda; o Espírito, porém, não muda. Pode o Espírito, mudando de corpo, perder algumas faculdades intelectuais, como por exemplo o gosto das artes, desde que conspurcou a sua inteligência ou a utilizou mal. Além disso, uma faculdade qualquer pode permanecer adormecida durante uma existência, por querer o Espírito exercitar outra que nenhuma relação tem com aquela. O sentimento instintivo que o homem possui da existência de Deus e o sentimento da vida futura são uma lembrança do que ele sabia como Espírito, antes de encarnar. O mesmo se dá com certas crenças relativas à doutrina espírita, em todos os povos, porquanto esta doutrina é tão antiga quanto o mundo.

CAPÍTULO V CONSIDERAÇÕES SOBRE A PLURALIDADE DAS EXISTÊNCIAS

Constituindo uma lei da natureza, o espiritismo há de ter existido desde a origem dos tempos, e dele se descobrem sinais na antiguidade mais remota. Uma idéia não atravessa séculos e séculos nem consegue impor-se às inteligências de escol se não contiver algo de sério. Contudo, entre a metempsicose dos antigos e a moderna doutrina da reencarnação, há profunda diferença, assinalada pelo fato de os Espíritos rejeitarem, de maneira absoluta, a transmigração da alma do homem para a dos animais e reciprocamente. Muitos dizem que uma existência já lhes chega de sobra, e que portanto não desejariam recomeçar outra semelhante. Perguntar-lhes-emos, apenas, se imaginam que Deus lhes pediu o parecer ou consultou seus gostos para regular o universo. Diremos, todavia, aos que se rebelam contra a lei da reencarnação, que se tranqüilizem, pois a doutrina espírita, no tocante à reencarnação, não é tão terrível quanto julgam. Se a houvessem estudado à fundo não se mostrariam tão aterrorizados. Saberiam que deles dependem as condições da nova existência, que será feliz ou desgraçada conforme o que tiverem feito neste mundo; que desde agora poderão elevar-se tão alto que a recaída no lodaçal não lhes seja mais de temer.

Se cremos num futuro qualquer, certo não admitimos que seja idêntico para todos, porquanto, de outro modo, qual a utilidade do bem? Há pessoas que dizem: não é possível que Deus, soberanamente bom, imponha ao homem a obrigação de recomeçar uma série de misérias e tribulações. Acharão, porventura, essas pessoas que há mais bondade em Deus em condenar o homem a sofrer perpetuamente, por motivo de alguns momentos de erros, do que em lhe facultar meios de reparar as suas faltas?

Alguma coisa de pungente há na idéia de que possa a nossa sorte ficar para sempre decidida por efeito de alguns anos de provações, ainda quando de nós não tenha dependido o atingirmos a perfeição, ao passo que eminentemente consoladora é a idéia oposta, que nos permite a esperança. Se aos homens fosse dado escolherem um julgamento, ninguém quereria o julgamento sem apelação.

Admitindo, de acordo com a crença vulgar, que a alma nasce com o corpo, perguntamos:

Por que mostra a alma aptidões tão diversas e independentes das idéias que a educação lhe fez adquirir?

De onde vem a aptidão extranormal que muitas crianças em tenra idade revelam para esta ou aquela ciência, enquanto que outras se conservam inferiores ou medíocres durante a vida toda?

Donde, em uns as idéias inatas ou intuitivas, que noutros não existem?

Donde, em certas crianças, o instinto precoce que revelam para os vícios ou para as virtudes, os sentimentos inatos de dignidade ou de baixeza, contrastando com o meio em que elas nasceram?

Por que, abstraindo-se da educação, uns homens são mais adiantados que os outros?

Por que há selvagens e homens civilizados?

Admitamos uma série de progressivas existências anteriores para cada alma, e tudo se explicará. Ao nascerem, trazem os homens a intuição do que aprenderam antes. São mais ou menos adiantados conforme o número de existências que contem, conforme já estejam mais ou menos afastados do ponto de partida. Deus, em sua justiça, não pode ter criado almas mais ou menos perfeitas. Com a pluralidade das existências, a desigualdade que notamos nada mais apresenta em oposição à mais rigorosa equidade. É que apenas vemos o presente, e não o passado.

Se a nossa existência atual é que — só ela — decidirá da nossa sorte vindoura, quais, na vida futura, as posições respectivas do selvagem e do homem civilizado? O homem que praticou o mal, por não ter podido instruir-se, será culpado de um estado de coisas cuja existência em nada dependeu dele? Que sorte aguarda os que morrem na infância, quando ainda não puderam fazer nem o bem nem o mal? Se vão para o meio dos eleitos, por que esse favor, sem que coisa alguma hajam feito para merecê-lo? Em virtude de que privilégio eles se vêem isentos das tribulações da vida?

Demais, o princípio da reencarnação ressalta de muitas passagens do Evangelho. Perguntaram os escribas a Jesus, certa vez: — Por que dizem os escribas ser preciso que primeiro venha Elias? Respondeu Jesus: É certo que Elias há de vir, mas eu vos declaro que Elias já veio e eles não o conheceram.

Para que João Batista pudesse vir como Elias, necessário seria que houvesse reencarnação do Espírito ou alma de Elias no corpo de João Batista.

As próprias palavras de Jesus não permitem dúvida a respeito da lei de reencarnação. Certa vez disse ele a Nicodemos: se um homem não nascer de novo, não poderá ver o Reino de Deus. Redarguiu Nicodemos: Como pode um homem nascer já estando velho? Pode tornar ao ventre de sua mãe para nascer segunda vez? Respondeu Jesus: — Se um homem não renascer da água e do espírito, não poderá entrar no reino de Deus; o que é nascido da carne é carne e o que é nascido do Espírito é Espírito. Não te admires de que eu tenha dito: é necessário que tomes a nascer.

CAPÍTULO VI DA VIDA ESPÍRITA

1 — *Espíritos errantes.* Algumas vezes a alma reencarna imediatamente, porém, de ordinário só o faz depois de intervalos mais ou menos longos. Nos mundos superiores, a reencarnação é quase sempre imediata. Sendo aí menos grosseira a matéria corporal, o Espírito quando encarnado nesses mundos, goza quase que de todas as suas faculdades de Espírito, sendo o seu estado normal o dos sonâmbulos lúcidos da Terra.

Podem durar desde algumas horas até alguns milhares de séculos os intervalos da encarnação. Não há limite estabelecido para o estado de errância. Essa duração é uma consequência do livre arbítrio, mas também para alguns constitui uma punição, ao passo que outros pedem que ela se prolongue, para continuarem estudos que podem efetuar, assim, com proveito. Há Espíritos errantes de todos os graus. O Espírito se acha no seu estado normal quando liberto da matéria. Só não são errantes os Espíritos puros. Os errantes estudam e procuram meios de se elevar, porque com o abandono definitivo do invólucro material deixam as paixões más. Os inferiores, todavia, as conservam. Na errância, entretanto, podem melhorar muito, sendo felizes ou desgraçados conforme os seus méritos.

Os Espíritos errantes, pelo simples fato de haverem deixado o corpo, não se acham completamente desprendidos da matéria e continuam a pertencer ao mundo onde acabaram de viver ou a outro do mesmo grau. Podem, todavia, ir a alguns mundos superiores, mas na qualidade de estrangeiros. Os já purificados descem freqüentemente aos mundos inferiores, com o fim de auxiliar o progresso desses mundos.

2 — *Mundos transitórios.* Há mundos particularmente destinados a estações ou pontos de repouso aos Espíritos errantes, e os que habitam esses mundos podem deixá-los

livremente a fim de ir para onde devam ir, para se instruírem e chegar à perfeição almejada.

Os mundos transitórios não são perpetuamente destinados a Espíritos errantes. A condição deles é meramente temporária. Não são habitados por seres corpóreos, e é estéril neles a superfície, porque os que os habitam de nada precisam. Eles refletem as belezas da imensidade que não são menos admiráveis do que aquilo que chamamos de beleza na tural. A Terra já pertenceu ao número desses mundos, durante a sua formação.

3 — *Percepção, sensações e sofrimentos dos Espíritos.* A alma, de volta ao mundo dos Espíritos, conserva as percepções que tinha na Terra, além de outras de que aqui não dispunha. Quanto mais os Espíritos se aproximam da perfeição, tanto mais conhecimentos têm. Os inferiores, todavia, são mais ou menos ignorantes acerca de tudo, e não sabem, mais do que os homens.

Os Espíritos não compreendem a duração como nós, e daí vem que nem sempre os compreendemos quando se trata de determinar épocas. Eles vêem o que não vemos e tudo apreciam diversamente do nosso modo de ver, dependendo; entretanto, de sua elevação.

O passado, quando os Espíritos com ele se preocupam, é o presente. Como nenhum véu material lhes tolda a inteligência, lembram-se daquilo que já se nos apagou da memória. Mas nem por isso tudo sabem. O conhecimento do futuro, por parte dos Espíritos, depende da elevação que tenham conquistado, e a sua revelação nem sempre lhes é permitida. Depois da morte, a alma vê e apreende num golpe de vista suas migrações passadas, mas não pode ver o que Deus lhe reserva. Mesmo os Espíritos que alcançam a perfeição absoluta não têm conhecimento completo de todas as coisas, por isso que só Deus é soberano e ninguém O pode igualar. Os Espíritos superiores vêem a Deus e o compreendem; os inferiores o sentem e adivinham. Deus não transmite suas ordens diretamente a qualquer Espírito. Transmite suas ordens por intermédio daqueles que lhes estão acima, em perfeição e instrução.

O Espírito não tem circunscrita a visão, como o homem. Ela reside em todo ele. Vê por si mesmo, sem precisar de luz exterior. Só fica imerso em trevas quando em expiação. Como o Espírito se transporta para onde queira, com a rapidez do pensamento, pode-se dizer que vê em toda parte, ao mesmo tempo. Seu pensamento pode também irradiar, dirigindo-se a um tempo para muitos, pontos diferentes. Quanto menos puro é o Espírito, tanto mais limitada é a sua visão. A vista do Espírito pode, entretanto, penetrar onde a nossa não o pode. O Espírito percebe mesmo os sons imperceptíveis para os nossos ouvidos. Quando revestimos um corpo material, as percepções só nos chegam por intermédio dos órgãos, ao passo que no Espírito deixam de estar ligadas a esses órgãos e estão em todo o seu ser. Entretanto, o Espírito vê e ouve o que quer, desde que seja de categoria elevada.

A música possui infinitos encantos para o Espírito, quando tem desenvolvidas as qualidades sensitivas, podendo apreciar a da Terra e muito mais a música celeste, que é muito mais sublime. Os Espíritos são sensíveis a todas as belezas, de acordo com as aptidões

que tenham para as apreciar e compreender. Eles não experimentam as nossas necessidades e sofrimentos físicos, mas os conhecem, porque já os sofreram. Não podem sentir fadiga, como a entendemos, e por isso não precisam de descanso corporal, pois que carecem de órgãos cujas funções precisem ser reparadas.

Quando um Espírito diz que sofre, está se referindo a angústias morais, que o torturam mais dolorosamente que qualquer sofrimento físico. Se se queixam de frio ou de calor, é porque estão sentindo reminiscências do que padeceram durante a vida terrena e não têm ainda perfeita compreensão, do seu estado.

4 — *Ensaio teórico da sensação nos Espíritos.* A dor tem como instrumento o corpo, mas a percepção da dor é na alma. Toda gente sabe que aquele a quem se amputou um membro costuma sentir dor no membro que lhe falta. É que o cérebro guarda a impressão da existência do membro. Coisa análoga sucede no sofrimento do Espírito, após a morte. O seu perispírito é o agente das suas sensações exteriores. No corpo os órgãos, servindo de conduto, localizam essas sensações. Destruído o corpo, elas se tomam gerais. Daí o Espírito não dizer que sofre da cabeça mais do que dos pés ou vice-versa. Não se confundam, porém, as sensações do perispírito, que se tornou independente, com as do corpo. Libertado do corpo, o Espírito pode sofrer, mas esse sofrimento não é corporal, porque não é produzido por agentes exteriores. É mais uma reminiscência do que uma realidade, mas igualmente penosa.

Durante os primeiros minutos da desencarnação, o Espírito não encontra explicação para a situação em que se acha. Crê não estar morto, por isso que se sente vivo. Essa situação dura enquanto haja qualquer ligação entre o corpo e o perispírito.

Durante a vida, o corpo recebe impressões exteriores e as transmite ao Espírito, por intermédio do perispírito.

Este, desprendido do corpo, experimenta a sensação, porém como já não lhe chega por um conduto limitado, ela se lhe torna geral. Não sendo o perispírito realmente mais do que simples agente de transmissão, pois que no Espírito é que está a consciência, lógico será deduzir-se que, se pudesse existir perispírito sem Espírito, aquele nada sentiria, exatamente como um corpo que morreu. Do mesmo modo, se o Espírito não tivesse perispírito seria inacessível a toda e qualquer sensação dolorosa. É o que se dá com os Espíritos completamente purificados. Quanto mais eles se purificam, tanto mais etérea se torna a essência do perispírito, donde se segue que a influência material diminui à medida que o Espírito progride, isto é, à medida que o próprio perispírito se toma menos grosseiro. Dizendo que os Espíritos podem se tornar inacessíveis às impressões da matéria, referimo-nos aos Espíritos muito elevados, cujo envoltório etéreo não encontra analogia neste mundo. Outro tanto não acontece com os de perispírito mais denso, os quais percebem os nossos sons e odores, não porém apenas por uma parte limitada de suas individualidades, conforme lhes sucedia quando vivos. Neles as vibrações moleculares

fazem-se sentir em todo o ser, e lhes chegam assim ao "sensorium commune". Eles ouvem o som da nossa voz; entretanto nos compreendem sem o auxílio da palavra, somente pela transmissão do pensamento.

Ao passarem de um mundo a outro, os Espíritos mudam de envoltório, como nós mudamos de roupa. Quando vêm visitar nos, os mais elevados se revestem de perispírito terrestre e então suas percepções se produzem como no comum dos Espíritos.

Conforme a categoria que ocupem, os Espíritos podem ocultar-se dos que lhes são inferiores, porém não dos superiores. Nos primeiros instantes que se seguem à morte, a visão do Espírito é sempre turbada e confusa. Aclara-se à medida que ele se desprende e pode alcançar a nitidez de compreensão que tinha durante a vida terrena. A sua extensão através do espaço infinito do futuro e do passado, depende do seu grau de pureza e elevação. Os sofrimentos por que passará serão sempre a consequência da maneira por que viveu na Terra.

5 —. *Escolha das provas.* O Espírito, antes de começar sua nova existência corporal, escolhe ele próprio o gênero de provas por que há de passar, e nisso consiste o seu livre arbítrio. Deus lhe deixa, assim, a inteira responsabilidade de seus atos e das consequências que estes tiverem. Entretanto, pelo fato de escolher o Espírito o gênero de provas, não quer dizer que todas as tribulações por que passamos as previmos e buscamos. O Espírito escolhe apenas o gênero de provações, e as particularidades correm por conta da posição em que futuramente irá se encontrar. Escolhendo, por exemplo, nascer entre malfeitores, sabia o Espírito a que arrastamentos se expunha. Para lutar contra o instinto do roubo, preciso é que se ache em contato com gente dada à prática de roubar. Dir-se-á que, se não houvesse na Terra gente de maus costumes, o Espírito não encontraria um meio apropriado ao sofrimento de certas provas. É justamente o que ocorre nos mundos superiores, onde o mal não penetra. É preciso que façamos para que em breve o mesmo se dê na Terra.

Nas provações por que tem de passar, para atingir a perfeição, não tem o Espírito que se encontrar em todas as circunstâncias que lhe possam excitar o orgulho, a inveja, a avareza, a sensualidade, pois há Espíritos que, desde o começo, tomam um caminho que os exime de muitas provas, e assim devem todos proceder, não se deixando arrastar para os maus caminhos. Para evitar que o Espírito carecido de experiência escolha uma existência, sem conhecimento de causa, e seja depois responsável por essa escolha, Deus lhe supre a inexperiência, traçando-lhe o caminho que deve seguir. Deixa-o, porém, pouco a pouco, livre à medida que o seu livre arbítrio se desenvolve. Deus não apressa a expiação; todavia pode impor certa existência a um Espírito, quando este, pela sua inferioridade ou má vontade, não se mostra apto a compreender o que lhe seria mais útil, ou quando vê que tal existência servirá para purificação e progresso do Espírito, ao mesmo tempo que lhe servirá de expiação. Há Espíritos que não fazem a escolha das provas logo depois da morte, porque acreditam na eternidade das penas, e isso já lhes serve de um castigo.

A prova é escolhida pelo Espírito de acordo com a natureza de suas faltas. Aqueles que escolham o contato com o vício, por simpatia, cedo ou tarde compreenderão que a satisfação de suas paixões brutais lhes acarretou deploráveis consequências, que eles sofrerão durante um tempo que lhes parecerá eterno. Entretanto, logo que o Espírito se desliga da matéria, cessa quase sempre a sua ilusão, e outra passa a ser a sua maneira de pensar.

Pode o Espírito facilitar a escolha de suas provas futuras ainda quando encarnado, porque o desejo que então alimenta é capaz de influir na escolha que venha a fazer, dependendo isso da intenção que o anime.

Pode também dar-se o caso de o Espírito escolher uma prova acima de suas forças e sucumbir, assim como o de escolher alguma que em nada lhe aproveite, mas então, voltando ao-mundo dos Espíritos, verifica que nada ganhou e pede outra que lhe faculte recuperar o tempo perdido. Perguntar-se-á, se, desse modo, pode um Espírito renascer entre os canibais. Não; porque entre os canibais não encarnam Espíritos já adiantados, mas sim os de natureza daqueles, ou ainda inferiores. O contrário, pode acontecer, isto é, nascer no seio de povos civilizados um Espírito vindo de mundo inferior. Nesse caso, entretanto, ficam deslocados, por entrarem seus costumes e instintos em conflito com os dos outros homens. Como expiação, entretanto, ou no desempenho de missão, pode um Espírito renascer numa raça selvagem.

6 — *As relações no além-túmulo.* No além-túmulo, os Espíritos têm, uns sobre outros, a autoridade correspondente ao grau de superioridade que hajam alcançado, autoridade, portanto, exercida por um ascendente moral irresistível. O poder e a consideração de que um homem gozou na Terra não lhe dão supremacia no mundo dos Espíritos. O maior da Terra pode pertencer à última categoria entre os Espíritos, e o servo pode estar acima de seu senhor.

Os Espíritos se vêem, e se distinguem uns dos outros. Evitam-se ou se aproximam conforme a simpatia ou antipatia que se manifeste entre eles. Os bons vão a toda parte, mas as regiões que habitam estão interditas aos imperfeitos que, entretanto, são auxiliados pelos bons em sua ascensão espiritual. Os inferiores se comprazem em nos induzir ao mal, pelo despeito que lhes causa o não terem merecido permanecer entre os bons.

O fluido universal estabelece entre os Espíritos constante comunicação. É o veículo de transmissão de seus pensamentos, que não podem ser ocultados, sobretudo para com os perfeitos. Estes, todavia, podem se tornar invisíveis a outros Espíritos, se julgarem útil fazê-lo.

Os Espíritos desencarnados vêem as suas vidas pretéritas, compreendendo assim as suas relações anteriores com parentes de outras encarnações. A alma do justo, quando de regresso ao mundo dos Espíritos, é recebida como a de um irmão muito amado; a do mau, como a de um ser desprezível. Os Espíritos vão ao encontro da alma desencarnada, à qual

são afeiçoados, felicitando-a como se houvesse escapado de perigos em uma estrada, ajudando-a, outrossim, no desprendimento dos liames corporais. Dá-se, entretanto, o caso de não poder ver o recém-desencamado os seus parentes e amigos, como punição, se a merece.

7 — *Relações de simpatia e antipatia. Metades eternas.* Os Espíritos votam-se recíprocas afeições, como os homens, sendo porém mais forte o laço que prende os Espíritos uns aos outros, porque esse laço não se acha exposto às vicissitudes das paixões. Só entre os Espíritos impuros há ódio. A lembrança de atos maus que dois homens praticaram, um contra o outro, induz a se afastarem um do outro no mundo dos Espíritos, porque geralmente guardam ressentimento do mal que lhes foi feito.

As afeições mútuas continuam a existir no mundo dos Espíritos, salvo se nascerem de ordem apenas física.

Não há união particular e fatal de duas almas, com predestinação, ao serem criadas. Um Espírito não pode ser "metade" de outro. A simpatia que atrai um Espírito para outro resulta da perfeita concordância de seus pendores e instintos. Não há Espírito criado um para o outro, mas Espíritos em igualdades de grau de elevação, que se tornam simpáticos, pela analogia de pensamentos e sentimentos.

8 — *Recordação da vida corpórea.* O Espírito, tendo vivido muitas vezes na Terra, lembra-se do que fôí como homem, e freqüentemente ri, penalizado, de si mesmo. Essa lembrança não lhe vem completa e imediatamente após a morte, mas aos poucos, qual imagem que surge gradualmente de uma névoa, à medida que nela fixa ele a sua atenção. Compreende, então, a necessidade de sua purificação, para chegar ao infinito, e percebe que em cada existência deixa algumas impurezas. Quanto às primeiras existências, as que se podem considerar como infância do Espírito, essas se perdem no vago e desaparecem na noite do esquecimento... Para os Espíritos elevados, a felicidade eterna é mil vezes preferível aos prazeres efêmeros da Terra. Só os Espíritos inferiores podem sentir saudades de gozos condizentes com uma natureza impura.

As idéias dos Espíritos se modificam muito na erraticidade, à proporção que eles se desmaterializam. Pouco a pouco a influência da matéria diminui, e eles vêem as coisas com maior clareza.

9 — *Comemoração dos mortos. Funerais.* Sensibiliza grandemente aos Espíritos o lembrarem-se deles os que lhes foram caros na Terra. Se são felizes, esse fato aumenta-lhes a felicidade e se são desgraçados, serve-lhes de lenitivo. No dia da comemoração dos mortos, eles acodem ao chamado dos que da Terra lhes dirigem seus pensamentos, como o fazem noutro dia qualquer. Nesse dia, em maior número se reúnem nas necrópoles, porque é maior, em tais lugares, o número de pessoas que os chamam pelo pensamento. Não deve ser considerada como futilidade a reunião dos despojos mortais de todos os membros de uma família. É um costume piedoso e um testemunho de simpatia que dão os que assim

procedem aos que lhes foram entes queridos. Há Espíritos que, nos primeiros momentos que se seguem à morte corporal, experimentam grande prazer com as honras que lhes são tributadas. Quando ascendem, entretanto, a certo grau de evolução, ficam escoimados dessas vaidades terrenas.

Freqüentemente o Espírito assiste ao enterro de seu corpo, mas algumas vezes ainda está perturbado e não percebe o que se passa. Quase sempre assiste à reunião dos seus herdeiros. Para seu ensinamento, ou castigo dos culpados, Deus permite que assim aconteça.

CAPÍTULO VII DA VOLTA DO ESPIRITO À VIDA CORPORAL

1 — *Prelúdio da volta.* Os Espíritos pressentem a época em que vão reencarnar. Muitos há, entretanto, que em tal coisa não pensam, nem sequer a compreendem. Eles podem apressar a reen- carnação, como distanciá-la, recuando diante da prova. Nenhum, porém, assim procede impunemente. Cedo ou tarde o Espírito sente a necessidade de progredir. Pode o Espírito escolher o corpo em que deve reencarnar, e as imperfeições que este apresenta serão provas que lhe auxiliarão o progresso. Nem sempre, porém, é permitida a escolha.

No momento de encarnar, o Espírito sofre perturbação semelhante, e por vezes muito maior e mais longa que aquela que experimenta ao desencarnar, porque pela morte ele sai da escravidão, e pelo nascimento entra para ela. Conforme a esfera a que pertença, o Espírito se acha acompanhado de outros, seus amigos, que vêm assistir a sua partida do mundo incorpóreo e lhe seguem muitas vezes os passos pela vida terrena afora.

Muitas vezes vemos Espíritos, em sonho, que nos testemunham afeto e que nos são desconhecidos. São Espíritos amigos, que nos seguem os passos na vida, e que nos visitam, como se visita a um encarcerado.

2 — *União da aTma e do corpo.* A união da alma ao corpo começa na concepção, mas só está completa na ocasião do nascimento na Terra. Até aí, o Espírito está ligado ao corpo por um laço fluídico, que cada vez mais se vai apertando, até o instante em que a criança vê a luz. Se o corpo que ele escolheu morre antes de se verificar o nascimento, o Espírito escolhe outro. • Essas mortes prematuras, as mais das vezes, - são conseqüentes de imperfeição da matéria.

No intervalo que medeia da concepção ao nascimento, o Espírito goza das suas faculdades mais ou menos, conforme o ponto em que se encontre, porquanto ainda não está encarnado, mas apenas ligado. A vida intra-uterina é como a da planta, que vegeta. Isto posto, constitui crime a provocação de um aborto, porque se impede uma alma de passar pelas provas a que serviria de instrumento o corpo que se estava formando.

3 — *Faculdades morais e intelectuais do homem.* As qualidades morais, boas ou más, do homem, são as do Espírito nele encarnado. Quanto mais puro é esse Espírito, tanto mais propenso ao bem «é o homem. O homem vicioso é a encarnação de um Espírito imperfeito; por isso, o caráter dos indivíduos em que encarnam Espíritos desassisados e levianos é, não raro, o de criaturas malfazejas. O Espírito sempre progride em insensível marcha ascendente, mas o progresso não se efetua simultaneamente em todos os sentidos. Durante um período de sua existência, ele se adianta em ciência; durante outro, em moralidade.

4 — *Influência do organismo.* A matéria é apenas o envoltório do Espírito, como o vestuário o é do corpo. Unindo-se a este, o Espírito conserva os atributos da natureza espiritual. O exercício das suas faculdades depende dos órgãos que lhe servem de instrumento. A grosseria da matéria se enfraquece. O invólucro material é obstáculo à livre manifestação das faculdades do Espírito, assim como um vidro muito opaco o é à livre irradiação da luz. O Espírito, porém, dispõe sempre das faculdades que lhe são próprias. Não são os órgãos que dão a faculdade, e sim estas que impulsionam o desenvolvimento dos órgãos.

5 — *Idiotismo. Loucura.* A alma dos cretinos ou idiotas não é de natureza inferior. Eles trazem almas humanas não raro mais inteligentes do que supomos, mas sofrem da insuficiência dos meios de que dispõem para se comunicar, da mesma maneira que o mudo sofre da impossibilidade de falar. Os que habitam corpos de idiotas são Espíritos sujeitos a uma punição. Sofrem por efeito do constrangimento que experimentam e da impossibilidade, em que estão, por se manifestarem mediante órgãos não desenvolvidos ou desmantelados. Passam por uma expiação decorrente do abuso que fizeram de certas faculdades. É um estacionamento temporário. Na condição de Espírito livre, o idiota freqüentemente tem consciência de seu estado mental e compreende que as cadeias que lhe obstam o vôo são prova e expiação.

Na loucura, a situação do Espírito é a do homem que, perdendo os olhos, ficou cego; sofrendo do ouvido, ficou surdo. Quando encarnado, encontra-se na contingência de agir com o auxílio de órgãos especiais. Imagine-se, agora, que seja o órgão que preside às manifestações da inteligência o atacado ou modificado parcial ou inteiramente. Compreende-se, então, que uma perturbação resultará, de que ele por si mesmo, e no seu foro íntimo, tem perfeita consciência, mas cujo curso não lhe está nas mãos deter. Neste caso, o desorganizado é o corpo e não o Espírito, porque assim como o Espírito atua sobre a matéria, também esta reage sobre ele.

6 — *A infância.* O Espírito que anima o corpo de uma criança pode ser tão desenvolvido, ou mais ainda, que o de um adulto, conforme o seu progresso anterior. Apenas a imperfeição dos órgãos infantis o impede de se manifestar, porque obra de conformidade com o instrumento de que dispõe. É claro que, não estando ainda desenvolvidos na criança, não podem os órgãos da inteligência dar-lhe toda a intuição própria de um adulto. A

perturbação que o ato da encarnação causa ao Espírito não cessa de súbito por ocasião do nascimento. Só gradualmente se dissipa. Por morte da criança, o Espírito que a animava readquire imediatamente o seu precedente vigor, porque se vê desembaraçado do invólucro que cerceava sua ação. Isto depende, entretanto, de que nenhum laço mais exista entre o Espírito desencarpado e o corpo que animava.

O que motiva a mudança que se opera no caráter do indivíduo, em diferentes idades, é o fato de o Espírito retomar a natureza que lhe era própria, e se mostrar tal como era.

7— *Simpatia e antipatia terrenas.* Dois seres que se conheceram e estimaram, encontrando-se noutra existência corporal, podem sentir-se atraídos um para o outro, ainda que não se reconheçam. Muitas vezes dois seres se aproximam, devido a circunstâncias aparentemente fortuitas, mas que na realidade são resultantes da atração de dois Espíritos que se buscam reciprocamente por entre a multidão. Entre os seres pensantes há ligações que ainda não conhecemos. O magnetismo é o piloto dessa ciência, que mais tarde este mundo compreenderá melhor.

A repulsão instintiva, experimentada por algumas pessoas, é proveniente de se tratar de Espíritos antipáticos, que se adivinham e reconhecem, sem se falarem.

8— *Esquecimento do passado.* O Espírito encarnado perde a lembrança do passado, porque o homem não pode nem deve saber tudo. Sem o véu que lhe oculta certas coisas, ficaria ofuscado. Esquecido de seu passado, ele é mais senhor de si.

Quando o Espírito volta à vida anterior (à vida espiritual) então diante de seus olhos se estende toda a sua vida pretérita. Vê as faltas que cometeu e que deram causa ao seu sofrer, assim como de que modo as teria evitado. Busca, então, uma nova existência capaz de reparar a que vem de transcorrer. Contudo, muitos Espíritos encarnados sabem o que foram e o que faziam em existências anteriores. Para conhecermos o que fomos em nossas vidas anteriores, é bastante que examinemos quais são as nossas tendências instintivas, visto que as provas por que passa o Espírito, na Terra, têm relação íntima com o que respeita ao seu passado.

CAPITULO VIII DA EMANCIPAÇÃO DA ALMA

1 — *O sono e os sonhos.* Durante o sono, a alma não repousa, como o corpo, pois o Espírito jamais está inativo. Durante o sono afrouxam-se os laços que o prendem ao corpo e, não precisando, então, este da sua presença, ele se lança pelo espaço e entra em relação mais direta com outros Espíritos. O Espírito, desprendido do corpo pelo sono, lembra-se do passado e algumas vezes prevê até o futuro. Quase sempre dizemos que tivemos um sonho extravagante, horrível, e nos enganamos. É amiúde uma recordação dos lugares e

das coisas que vimos ou que veremos em outra existência ou em outra ocasião. Dizemos que nem sempre sonhamos. Ê que nem sempre nos lembramos do que vimos enquanto dormíamos, por não termos a alma no pleno desenvolvimento de suas faculdades. Como é pesada e grosseira a matéria que compõe o nosso corpo, ele dificilmente conserva as impressões que o Espírito recebeu durante o sono do corpo, porque a este elas não chegaram por intermédio dos órgãos corporais.

2 — *Visitas espirituais entre pessoas vivas.* Muitas pessoas que julgam não se conhecerem costumam reunir-se e falar-se. Podemos ter, sem que o suspeitemos, amigos em outro país. De ordinário, guardamos apenas intuição desses fatos, dos quais se originam certas idéias que nos vêm espontaneamente, sem que possamos explicar como nos acudiram. É que foram adquiridas nessas confabulações, enquanto a alma estava emancipada do corpo. Pode mesmo o homem, pela sua vontade, provocar as visitas espirituais fazendo firme propósito, nesse sentido, ao adormecer.

3 — *Transmissão oculta do pensamento.* Quando dizemos que uma idéia paira no ar, usamos de uma figura de linguagem mais exata do que supomos. Ê que todos, sem o suspeitarem, contribuem para propagá-la, visto que durante o sono os Espíritos — como dissemos — se comunicam entre si.

4 — *Letargia, catalepsia, mortes aparentes.* Os letárgicos e os catalépticos, em geral, vêem e ouvem o que em derredor se diz e faz. É pelo Espírito que agem, pois este tem consciência de si, apesar de estar o corpo naquele estado. Na letargia, o corpo não está morto. Sua vitalidade está em estado latente e, enquanto o corpo vive, o Espírito se lhe acha ligado. Em se rompendo entretanto a ligação, por efeito da morte real, integral se torna á separação, e o Espírito não volta mais ao seu envoltório. Desde que o homem aparentemente morto volta à vida, é que não era completa a morte.

5 — *Sonambulismo.* O sonambulismo é um estado de independência do Espírito, mais completo do que no sonho, estado em que maior amplitude adquirem as suas faculdades. À alma tem então percepções de que não dispõe no sono, que é um estado de sonambulismo imperfeito. Quando se produzem os fatos de sonambulismo, é que o Espírito se aplica a uma ação qualquer para cuja prática necessita utilizar-se do corpo. Serve-se então deste, como uma pessoa se serve de uma mesa ou de outro objeto material, no fenômeno das manifestações físicas, ou mesmo como o Espírito quando se utiliza da mão do médium, nas comunicações escritas. A pessoa sonambulizada possui mais conhecimentos do que aqueles que pensamos possuir. Entrando no estado a que se chama "crise", lembra-se de muita coisa de que não se lembrava na matéria.

6 — *Êxtase.* O êxtase é um sonambulismo mais apurado. A alma do extático é ainda mais independente. Pode ver os mundos superiores e compreender a felicidade dos que os habitam, conforme a sua purificação. Entretanto, está sujeita a enganar-se muito, sobretudo quando pretende penetrar no que deva continuar a ser mistério para o homem.

7 — *A dupla vista.* A dupla vista é ainda um resultado da libertação do Espírito, sem que o corpo esteja adormecido. É a vista da alma, e é susceptível de se desenvolver pelo exercício. Há, entretanto, organismos que são refratários a essa faculdade.

CAPITULO IX DA INTERVENÇÃO DOS ESPÍRITOS NO MUNDO CORPORAL

1 — *Penetração dos nossos pensamentos.* Os Espíritos podem ver tudo o que fazemos, pois que constantemente nos rodeiam. Cada um, porém, só vê aquilo a que dá atenção. Muitas vezes chegam a¹ conhecer o que desejaríamos ocultar até de nós mesmos. Nem atos nem pensamentos se lhes podem dissimular.

2 — *Influências em nossos pensamentos e atos.* Os Espíritos influem a tal ponto, em nossos pensamentos e atos, que de ordinário são eles que nos dirigem. No conjunto de nossos pensamentos estão sempre de mistura os que são nossos e os que são dos Espíritos. Daí a incerteza em que nos vemos quando temos duas idéias a se combaterem em nossa mente.¹ Mas o homem tem o direito de agir com liberdade; se se decide pelo bem, melhor para ele; se se decidir pelo mal, assumirá responsabilidade de seu ato. Pode o homem eximir-se da influência dos Espíritos que procuram arrastá-lo ao mal, visto que tais Espíritos só se apegam aos que, pelos seus desejos, os chamam, ou aos que, pelos seus pensamentos, os atraem.

3 — *Possessos.* O estado de possessão não é o de um Espírito que entre em um corpo, como se entrasse em uma casa. O possessor identifica-se com o Espírito encarnado cujos defeitos, e qualidades sejam os mesmos que os seus, a fim de obrar conjuntamente com ele. O encarnado, porém, é sempre quem atua, conforme quer, sobre a matéria de que se acha revestido. Um Espírito não pode substituir-se ao que está encarnado. A dominação não se efetua nunca sem que aquele que a sofre o consinta, quer pela sua fraqueza, quer porque a deseje, sempre é possível, a quem quer que seja, subtrair-se ao jugo do possessor desde que, com vontade firme, o queira.

4 — *Convulsionários.* Concorrem para a produção do fenômeno de convulsão os Espíritos de categoria pouco elevada. Tudo é feito de simpatia. As disposições morais se comunicam muito facilmente, em certos casos. Nalguns, o fenômeno é exclusivamente efeito de magnetismo, que atua sobre o sistema nervoso. Em outros, a exaltação do pensamento embota a sensibilidade. Quando o Espírito está vivamente preocupado com uma coisa, o corpo nada sente, nada vê e nada ouve.

5 — *Afeição que os Espíritos votam a certas pessoas.* Os bons Espíritos simpatizam com os homens de bem ou susceptíveis de se melhorarem. Os inferiores, com os homens viciosos ou que podem tornar-se tais. Daí suas afeições, como consequência da conformidade de

sentimentos. A verdadeira afeição, entretanto, nada tem de carnal. Os bons Espíritos fazem todo o bem que lhes é possível e se sentem ditosos com as nossas alegrias. Afligem-se com os males, quando os não suportamos com resignação, porque nenhum benefício, então, tiramos deles. Os parentes e amigos, que nos precederam na outra vida, maior simpatia nos votam que aqueles que nos são estranhos, e sempre nos protegem, na medida do poder de que dispõem.

6— *Anjos da Guarda, Espíritos protetores, familiares ou simpáticos.* Cada indivíduo tem o seu "irmão espiritual", a que chamamos de Bom Espírito, Bom Gênio. Por Anjo da Guarda ou Anjo Guardião deve-se entender o Espírito protetor, pertencente a uma ordem elevada. A sua função é a de um pai, em relação aos filhos; a de guiar o seu protegido pela senda do bem, auxiliá-lo com seus conselhos, consolá-lo nas suas aflições, levantar-lhe o ânimo nas provas de vida. Nem sempre o Espírito protetor está junto ao seu protegido, mas não o perde de vista. Podemos invocar o nosso Espírito protetor, pelo pensamento, que ele acudirá ao apelo.

Há também Espíritos que nos assistem e que são denominados Espíritos familiares ou Espíritos simpáticos. São os amigos da casa. Mesmo as aglomerações de indivíduos, as sociedades, as cidades, as nações, têm Espíritos protetores, pois são coletividades que precisam de uma direção superior.

7— *Pressentimentos.* O pressentimento é o conselho íntimo e oculto de um Espírito que nos quer bem. Os Espíritos protetores nos ajudam com seus conselhos mediante a voz da consciência, que fazem ressoar em nosso íntimo. Como nem sempre ligamos a isso a devida importância, outros conselhos mais diretos eles nos dão, servindo-se das pessoas que nos cercam.

8— *Influência dos Espíritos nos acontecimentos da Vida.* Os Espíritos exercem influência nos acontecimentos da nossa vida, pois que nos aconselham, ou para o bem ou para o mal, mas de nós depende o poupar-nos aos males ou, ao menos, atenuá-los. Deus nos outorgou a inteligência para que dela nos sirvamos e saibamos distinguir o bem do mal.

9 — *Ação dos Espíritos nos fenômenos da natureza.* Deus não exerce ação direta sobre a matéria. Ele dispõe de agentes dedicados, em todos os graus da escala dos mundos. Os Espíritos presidem e dirigem os fenômenos, de acordo com as atribuições que têm.

10 — *Os Espíritos durante os combates.* Durante uma batalha, há Espíritos assistindo aos combates e amparando cada um dos exércitos, estimulando-lhes a coragem. Há alguns que só se comprazem na discórdia e na destruição. Para esses, a guerra é a guerra; a justiça da causa pouco os preocupa. Há outros que pensam e agem ao contrário.

O Espírito desencarnado em combate nunca está calmo. Pode acontecer, que nos primeiros instantes, após a morte, ainda odeie ao seu inimigo e mesmo o persiga. Quando, porém, se lhe restabelece a serenidade, vê que nenhum fundamento há mais para a sua animosidade. Contudo não é impossível que dela guarde vestígios mais ou menos fortes,

conforme o seu caráter.

11 — *Pactos.* Não há pactos entre os encarnados e os maus Espíritos, como muita gente costuma acreditar. Há, porém, naturezas más, que simpatizam com os maus Espíritos e pedem o seu auxílio para praticarem o mal. Ficam, entretanto, obrigados a servir, depois, a esses Espíritos, porque estes também precisam de seu auxílio. Nisto apenas é que consiste o pacto.

12 — *Poder oculto. Talismãs. Feiticeiros.* Não pode um homem mau, com o auxílio de um Espírito que lhe seja dedicado, fazer o mal ao seu próximo, por ser mau, e não tem proteção que o acoberte de más influências. Algumas pessoas dispõem de grande força magnética, de que podem fazer mau uso, caso em que possível se torna serem ajudados por Espíritos maus.

Aquele que confia na virtude de um talismã pode atrair um Espírito, por efeito dessa confiança, pois o que atua é o pensamento. Da pureza da intenção e da elevação dos sentimentos depende, porém, a natureza do Espírito que é atraído. Essa maneira de proceder denuncia, no entanto, inferioridade e fraqueza de idéias, que favorecem a ação de Espíritos imperfeitos e escarninhos.

Os que são chamados de feiticeiros são pessoas que, quando de boa fé, gozam de certas faculdades, como sejam a força magnética ou a dupla vista. Como fazem coisas geralmente incompreensíveis, são tidas por dotadas de um poder sobrenatural, quando não o são.

Algumas pessoas têm o poder de curar pelo simples contacto, empregando a força magnética, secundada pela pureza de sentimentos e por um ardente desejo de fazer o bem, porque então os bons Espíritos lhes vêm em auxílio. Cumpre, porém, desconfiar da maneira pela qual contam as coisas pessoas muito crédulas e muito entusiastas, bem como das narrativas interesseiras, feitas para iludir a credulidade alheia.

13 — *Bênçãos e maldições.* Deus não escuta a maldição injusta, e culpado perante Ele se torna o que a profere. Pode a maldição exercer momentaneamente influência, porém isto só se verifica com o consentimento de Deus, como aumento de prova para o atingido por ela. A Providência nunca fere o maldito senão quando mau.

CAPITULO X DAS OCUPAÇÕES E MISSÕES DOS ESPÍRITOS

Os Espíritos têm como função principal me- lhorarem-se pessoalmente. Além disso, concorrem para a harmonia do universo, executando as vontades de Deus, cujos ministros eles são. Mesmo os inferiores e imperfeitos têm deveres a cumprir. Os próprios Espíritos de classe elevada não se acham em repouso absoluto, pois a ociosidade eterna seria um suplício. Não se deve, entretanto, confundir as ocupações dos Espíritos com as ocupações dos

homens. A sua atividade lhes constitui um gozo, pela consciência que têm de ser úteis. Aos inferiores cabem ocupações apropriadas à sua natureza. Há os que se conservam ociosos, mas esse estado é temporário. cedo ou tarde o desejo de progredir lhes faz necessária a atividade sã.

Os Espíritos vulgares costumam imiscuir-se em nossos prazeres e ocupações. Estes nos rodeiam freqüentemente e tomam parte muito ativa no que fazemos. Cumpre que assim aconteça, porque para serem os homens impelidos pelas diversas veredas da vida, necessário é que lhes excitem ou moderem as paixões.

Os Espíritos — mesmo os errantes — têm missões a desempenhar. São tão variadas essas missões que impossível será descrevê-las. Muitas há, mesmo, que não podemos compreender, porquanto executam vontades de Deus, que não sabemos discernir. A importância das missões corresponde às capacidades e elevação do Espírito.

Os Espíritos encarnados, em missão, ocupam-se em instruir os homens, auxiliar-lhes o progresso, melhorar as instituições terrenas, por meios diretos e materiais. Cumpre notar, entretanto, que o Espírito encarnado que cultiva a terra também desempenha uma missão, assim como o que governa e o que instrui. Há encarnados que são pobres seres, dignos de compaixão. Esses preferiram uma existência que nenhum proveito lhes traria. Há os preguiçosos, que recuam diante de uma vida de labor. Mais tarde, porém, compreenderão, à própria custa, os inconvenientes da inutilidade a que se votaram, e serão os primeiros a pedir que se lhes conceda recuperar o tempo perdido. O Espírito falido no trabalho a executar na Terra, em seu proveito ou no de seu irmãos, terá que retomar a tarefa, sofrendo, outrossim, as conseqüências de qualquer mal que haja causado. A paternidade também é uma missão do Espírito encarnado e, ao mesmo tempo, grandíssimo dever e que envolve, mais do que pensa o homem, a sua responsabilidade quanto ao futuro. Não são responsáveis pelo trans-viamento de um filho, se este envereda para o mal, apesar dos seus cuidados; porém, quanto piores forem as propensões de um filho, tanto mais pesada é a tarefa e tanto maior o mérito do pai que conseguir desviá-lo do mau caminho.

CAPITULO XI DOS TRÊS REINOS

1 — Os minerais e as plantas. Do ponto de vista material, a natureza se divide em três reinos, pois que nessa divisão só se tem em vista os seres orgânicos e inorgânicos. Do ponto de vista moral, entretanto, há quatro graus na natureza, que apresentam caracteres determinados, muito embora pareçam se confundir em seus limites, extremos, pois o homem tem tudo o que há nas plantas e nos animais, dominando porém todas as outras classes por uma inteligência especial, indefinida, que lhe dá a consciência de seu futuro, a percepção das coisas extramateriais e o conhecimento de Deus.

As plantas não têm consciência de que existem, pois não pensam; só têm vida orgânica. Recebem impressões físicas, que atuam sobre a matéria, mas não têm percepções e, conseqüentemente, sensação da dor. Nem a ostra que se abre, nem os zoófitos, pensam; têm

apenas um instinto cego e natural. Mesmo nos mundos superiores, as plantas são sempre plantas, como os animais sempre animais, e os homens sempre homens.

2 — *Os animais e o homem.* O homem é um ser a parte, no reino animal. Pelo físico, é como os animais. Seu corpo se destrói, como o dos animais, mas a seu Espírito está assinalado um destino que só ele pode compreender, porque só ele é inteiramente livre. Reconhecemos o homem, dentro do reino animal, pela faculdade que ele tem de pensar em Deus. É verdade que na maioria dos animais domina o instinto, mas devemos nos lembrar de que muitos deles obram denotando acentuada vontade, o que denota terem inteligência, porém limitada. Eles têm meios de se comunicar entre si, mas a sua linguagem é restrita às necessidades, como restritas são as idéias que podem ter. Não se trata de linguagem formada de sílabas ou palavras, mas de compreensão por outros meios que não conhecemos. A aptidão que certos animais denotam para imitar a linguagem do homem origina-se de uma particular conformação dos órgãos vocais, - reforçada pelo instinto de imitação. Há em todos eles um princípio independente da matéria e que sobrevive ao corpo. A alma dos animais, após a morte, conserva a sua individualidade; não, entretanto a consciência do seu "eu". Fica numa espécie de errância, mas não é um Espírito errante. O Espírito do animal, depois da morte, é classificado pelos Espíritos, aos quais compete essa tarefa, e utilizado quase que imediatamente. Os animais, como o homem, estão sujeitos a uma lei progressiva. Nos mundos superiores, onde os homens são mais adiantados, os animais também o são. Eles progridem, entretanto, pela força das coisas, não estando, por isso, sujeitos a expiação. Tudo na natureza se encadeia por elos que ainda não podemos compreender. A alma do animal e a do homem são distintas uma da outra. A de um não pode animar o corpo criado para outra.

A inteligência do homem e a dos animais emana de um único princípio, porém no homem passou por uma elaboração que a coloca acima da que existe no animal. O Espírito passa a sua primeira fase de desenvolvimento numa série de existências que precedem ao período a que chamamos de humanidade. O princípio inteligente se individualiza pouco a pouco. Entra depois no período de humanização, começando a ter consciência do seu futuro e da responsabilidade de seus atos. O período de humanização começa quase sempre em mundos ainda inferiores à Terra.

3 — *A Metempsicose.* O Espírito que animou o corpo de um homem não pode encarnar num animal, porque o Espírito não retrograda. O rio não remonta à sua nascente.

terceira parte das leis morais

CAPÍTULO I DA LEI DIVINA OU NATURAL

1 — *Caracteres da lei natural.* Por lei natural deve-se entender a Lei de Deus, que é eterna e imutável como o próprio Deus. Todas as leis da natureza são leis divinas, pois que Deus é o autor de tudo. Para aprofundar-se nas Leis de Deus, uma única existência não basta ao homem. Elas são apropriadas à natureza de cada mundo e adequadas ao grau de progresso dos seres que os habitam.

2 — *Conhecimento da lei natural.* Todos podem conhecer a Lei de Deus, mas nem todos a compreendem. Os homens de bem, e os que se decidem a investigá-la são os que melhor a compreendem. Todos, entretanto, a compreenderão um dia, porquanto forçoso é que o progresso se efetue. A alma compreende a Lei de Deus de acordo com o grau de perfeição que tenha atingido, e dela guarda intuição quando unida ao corpo. Essa lei está escrita na consciência do homem. Como ele a esquece e despreza, Deus a lembra e, por isso, em todos os tempos houve missionários, que são Espíritos superiores que se encarnam com o fim de fazer progredir a humanidade.

O verdadeiro profeta é um homem de bem, inspirado por Deus. Podemos reconhecê-lo por suas palavras e seus atos. Deus não se serve da boca de missionários mentirosos para ensinar a verdade. Ele ofereceu ao homem um tipo para lhe servir de guia ou modelo: Jesus. Este ensinou à humanidade as verdadeiras leis de Deus; entretanto, empregava amiúde, na sua linguagem, alegorias e parábolas, porque falava de conformidade com os tempos e lugares. Faz-se mister, agora, o ensino dos Espíritos, para que a verdade se torne intelegível para todo o mundo. A missão dos Espíritos consiste em abrir os olhos e os ouvidos a todos, confundindo os orgulhosos e desmascarando os hipócritas; os que apenas vestem a capa da virtude e da religião, a fim de ocultar as suas torpezas. O ensino dos Espíritos vem agora claro, e sem parábolas ou figuras, para que ninguém possa pretextar ignorância, e para que todos o possam julgar e apreciar com a razão. Importa que cada coisa venha a seu tempo, pois a verdade é como a luz, com a qual o homem precisa habituar-se pouco a pouco, para não ficar deslumbrado.

3 — *O bem e o mal.* O bem é tudo o que é conforme a lei de Deus; o mal, tudo o que lhe é contrário. A moral é a regra de bem proceder, isto é, distinguir o bem do mal. O homem tem meios de distinguir por si mesmo o que é bem e o que é mal, quando crê em Deus e o quer saber, pois para isso é dotado da inteligência. Jesus deu-lhe a chave, dizendo: "O que quereis que vos façam, fazei aos outros". É preciso que o Espírito seja colocado neste mundo

entre o bem e o mal, para que ganhe experiência. A lei de Deus é a mesma para todos, porém o mal depende principalmente da vontade que se tenha de o praticar. Tanto mais culpado é o homem quanto melhor sabe o que faz.

Aquele que é levado a praticar o mal, pela posição em que seus semelhantes o colocam, tem menos culpa do que os que, assim procedendo, o ocasionaram. Cada um responderá não só pelo mal que haja feito mas também pelo mal a que tenha dado lugar. Não basta que o homem deixe de praticar o mal. Cumpra-lhe fazer o bem, na medida de suas forças. Não há quem não possa fazer o bem. Somente o egoísta nunca encontra ensejo para o praticar. Para certos homens, o meio onde se acham colocados representa a causa primária de muitos vícios e crimes, mas ainda aí há uma prova que o Espírito escolheu, quando em liberdade, levado pelo desejo de expor-se à tentação, para ter o mérito de resisti-la. O mérito do bem está na dificuldade em praticá-lo. Nenhum merecimento há em fazê-lo sem esforço e quando nada custe.

4 — Divisão da lei natural. A Lei de Deus se acha contida toda no preceito do amor ao próximo, ensinado por Jesus, e que encerra todos os deveres dos homens, uns para com os outros. Como a lei natural abrange todas as circunstâncias da vida, são necessárias regras precisas, ao homem, para que não fique grande número de portas abertas a diversas interpretações. Por isso, Moisés dividiu a Lei de Deus em dez partes. A última lei, entretanto — a trazida por Jesus — é a mais impotrante, por ser a que faculta ao homem adiantar-se mais na vida espiritual, visto que resume todas as outras.

CAPITULO II DA LEI DE ADORAÇÃO

1 — Objetivo da adoração. A adoração consiste na elevação do pensamento a Deus. É um sentimento inato no homem, como o da existência de Deus. A consciência de sua fraqueza o leva a curvar-se diante daquele que o pode proteger. Nunca houve povos de ateus, porque todos compreendem que acima de tudo há um ente supremo.

2 — Adoração exterior. A adoração não precisa de manifestações exteriores, porque parte do coração. Entretanto, a adoração exterior terá sua utilidade relativa, se não consistir num vão simulacro. Todos os homens são irmãos e filhos de Deus; por isso Ele atrai a si todos os que lhe obedecem às leis, qualquer que seja a forma sob que a exprimam. Há quem pratique uma religião apenas pelo respeito humano. Nisto, como em muitas outras coisas, a intenção constitui a regra. Não procede mal aquele que assim faz, se tem em vista respeitar as crenças dos outros. Procede melhor que aquele que as ridiculariza. Entretanto, o que a pratique por interesse, ou ambição, se torna desprezível aos olhos de Deus. A adoração em comum, quando os homens estão reunidos pela comunhão de pensamentos e sentimentos, tem mais força para atrair o auxílio dos bons Espíritos; entretanto, não é menos valiosa a adoração particular, pois cada homem pode adorar a Deus, pensando n'Ele,

apenas.

3 — *Vida contemplativa.* Não tem mérito perante Deus a vida contemplativa, porquanto se é certo que quem a pratica não faz o mal, também é certo que não faz o bem, e não fazer o bem já é praticar o mal.

4 — *A prece.* A prece é uma expressão de sentimento que sempre agrada a Deus, quando ditada pelo coração. Assim, preferível Lhe é a prece do íntimo à prece lida, se for lida mais com os lábios de que com o coração. A prece é um ato de adoração. Orar a Deus é pensar n'Ele; é aproximar-se d'Ele; é por-se em comunicação com Ele. Por ela louvamos, pedimos ou agradecemos. Ela torna melhor o homem, porque o faz mais forte contra as tentações do mal e atrai a assistência dos bons Espíritos. O essencial é orar bem, e não fechar os olhos para os próprios defeitos, nunca fazendo da prece uma ocupação ou emprego de tempo. A prece não esconde as faltas. Aquele que a Deus pede perdão de suas faltas só o obtém mudando de proceder. As boas ações são a melhor prece, por isso que os atos valem mais que as palavras. Pela prece, podemos fazer o bem aos outros, porque o Espírito de quem ora, atuando pela sua vontade de praticar o bem, atrai a influência de Espíritos que se associam ao bem que se deseja fazer. Não pode, entretanto, a prece mudar a natureza de nossas provas ou desviar-lhes o curso, a não ser em casos muito especiais, porquanto provas há que precisam ser suportadas até o fim. Deus, porém, sempre, leva em conta a resignação de quem ora nesse sentido, dando-lhe forças para suportá-las corajosamente, e assim lhe parecem menos rudes. Devemos considerar, também, que muita coisa que nos parece um grande mal — cujo afastamento pedimos a Deus — é quase sempre um grande bem, na ordem geral do universo.

Todavia, as súplicas justas são atendidas mais vezes do que supomos. Muitas vezes a resposta a uma prece vem por meios indiretos, ou por meio de idéias com as quais saímos das dificuldades pelo nosso próprio esforço.

A prece em favor dos “mortos” não muda os desígnios de Deus a seu respeito, mas a alma pela qual se ora experimenta alívio, porque recebe um testemunho do interesse que inspira àquele que por ela pede. Por outro lado, o que ora concita o “morto” ao arrependimento e ao desejo de fazer o necessário para ser feliz. A prece conduz para junto do sofredor Espíritos que o vão auxiliar, e isto está dentro das recomendações do Cristo: “Amai-vos uns aos outros”. Podemos também orar aos bons Espíritos, porque são os mensageiros de Deus e executores de sua vontade. Entretanto, as preces que lhes dirigimos só são eficazes se bem aceitas por Deus.

5 — *Politeísmo.* O politeísmo foi uma das crenças mais antigas e espalhadas pelo mundo, devido ao atraso da humanidade. A concepção de um Deus único não poderia existir no homem senão como resultado do desenvolvimento de suas idéias. O homem antigo cria em tantas potências distintas quantos os efeitos que observava. Em todos os tempos, porém, houve homens instruídos, que com preenderam ser impossível a existência desses

poderes múltiplos a governarem o mundo, sem uma direção superior, que viria a ser um Deus único.

6 — *Sacrifícios.* Os povos primitivos se entregavam aos instintos do animal selvagem, e por isso eram cruéis. Foi isto que levou esses povos a imolarem animais, e depois homens, na falsa crença de que o valor do sacrifício era proporcional à importância da vítima, pois achavam que uma criatura animada tinha muito mais valor aos olhos de Deus do que um corpo material. Os sacrifícios humanos originaram-se, pois, de uma idéia errônea quanto à maneira de agradar a Deus. Os sacrifícios humanos nunca agradam a Deus, mesmo que praticados com piedosa intenção. As "Guerras Santas", por exemplo, são feitas por homens impelidos por maus Espíritos. Não se justifica uma guerra sob o fundamento de ser a religião destes diferentes da daqueles, ou não terem aqueles atingido o grau de progresso dos povos cultos.

O melhor meio de honrar a Deus consiste em minorar o sofrimento dos pobres e dos aflitos. Muito dinheiro se gasta em cerimônias religiosas, que poderia ser empregado mais utilmente do que o é. Deus ama a simplicidade em tudo, e atenta mais para o fundo do que para a forma.

CAPITULO III DA LEI DO TRABALHO

1 — *Necessidade do trabalho.* O trabalho é lei da natureza, por isso mesmo que constitui uma necessidade, e a civilização obriga o homem a trabalhar mais, porque lhe aumenta as necessidades e os gozos. O Espírito trabalha, assim como o corpo. Toda ocupação útil é trabalho. O trabalho, na Terra, é uma consequência da natureza corpórea do homem. É uma expiação e, ao mesmo tempo, meio de aperfeiçoamento de sua inteligência. Como o homem, trabalham os animais, mas esse trabalho, de acordo com a inteligência de que dispõem, se limita ao cuidado da própria conservação. Seu trabalho também concorre para a realização do objetivo final da natureza, se bem que nunca lhe descobramos o resultado imediato. Nos mundos aperfeiçoados também há o trabalho, mas em relação com a natureza das necessidades de cada um. Mesmo o homem deste mundo, que possua bens suficientes que lhe assegurem a existência, está obrigado a ser útil ao seu semelhante, conforme os meios de que disponha. Deus condena aquele que voluntariamente tornou inútil a sua existência, passando a viver às expensas do trabalho dos outros. Os filhos devem trabalhar para seus pais, pois os membros de uma mesma família devem-se ajudar mutuamente.

2 — *Limite do trabalho. Repouso.* O repouso é também uma lei da natureza, pois serve para reparação das forças do corpo, e é necessário para dar um pouco mais de liberdade à inteligência, a fim de que se eleve acima da matéria. O limite do trabalho é o das forças, cabendo ao homem impedir que haja excesso de trabalho por parte de seus inferiores, e

proteger-lhes a velhice. Não tendo o velho família, deve a sociedade fazer as vezes desta.

CAPÍTULO IV DA LEI DE REPRODUÇÃO

1 — *População do globo.* A reprodução dos seres vivos é também lei da natureza. Não se pense, entretanto, que indo sempre a população na progressão crescente que vemos, chegue tempo em que seja excessiva na Terra. Deus a isso provê, e mantém sempre o equilíbrio.

2 — *Sucessão e aperfeiçoamento das raças.* Há raças humanas que estão decrescendo. Virá momento em que terão desaparecido da Terra. É que outras lhes estão tomando o lugar, como outras um dia tomarão o lugar das atuais. Os homens atuais são Espíritos que voltaram à Terra, para se aperfeiçoar, em novos corpos, mas que ainda estão longe da perfeição. Quando esses Espíritos forem retirados do plano terráqueo, seus descendentes estarão mais aperfeiçoados, assim como os homens civilizados de hoje, que descendem dos seres brutos e selvagens, dos tempos primitivos. As raças animais e vegetais podem ser aperfeiçoadas pela ciência. Nada de mal há nisso, porque tudo se deve fazer para chegar à perfeição, e favorecer essa perfeição é corresponder aos intuitos de Deus.

3 — *Obstáculos à reprodução.* Tudo o que embaraça a natureza, em sua marcha, é contrário à lei geral. Há a considerar o caso de seres vivos — animais e plantas — cuja reprodução indefinida seria nociva a outras espécies e das quais o próprio homem acabaria por ser vítima. Deve, porém, o homem lembrar-se de que Deus concedeu-lhe sobre os seres vivos um poder do qual deve usar sem abusar. Quanto, porém, aos usos cujo efeito consiste em obstar a reprodução da humanidade para satisfação de sensualidades, trata-se de uma predominância do corpo sobre a alma, e que demonstra quanto o homem é material.

4 — *Casamento e celibato.* O casamento representa uma medida de progresso para a marcha da humanidade. A abolição dessa prática seria a regressão à vida dos animais. A indissolubilidade absoluta do casamento é uma lei humana. Como só as da natureza são imutáveis, os homens podem modificar essa lei. O celibato voluntário, entretanto, representa egoísmo, desagrada a Deus e engana o mundo. Não se confunda esse celibato voluntário com aquele que é feito, como sacrifício, a serviço da humanidade, porque todo sacrifício pessoal é meritório, quando feito para o bem.

5 — *Poligamia.* A poligamia é lei humana, cuja abolição marcou um progresso social. O casamento, segundo as vistas de Deus, tem que se fundar na afeição dos seres que se unem. Na poligamia não há afeição real; há apenas sensualidade.

CAPÍTULO V DA LEI DE CONSERVAÇÃO

1 — *Instinto de conservação.* É outra lei da natureza. Todos os seres vivos o possuem; porque todos têm que concorrer para o cumprimento dos desígnios da Providência, e esse instinto é necessário ao aperfeiçoamento dos seres. Eles o sentem instintivamente, sem disso se aperceber.

2 — *Meios de conservação.* Se o homem não encontra os meios para a sua conservação, é porque não os compreende. Deus faz com que a Terra produza de modo a proporcionar o necessário aos que a habitam, visto que só o necessário é útil. O supérfluo nunca o é. A terra produziria sempre o necessário, se com o necessário soubesse o homem se contentar. O solo é a fonte primacial de onde imanam todos os outros recursos, pois que, em definitivo, esses recursos são simples transformações dos produtos do solo. Por isso, por "bens da terra" deve-se entender tudo de que o homem pode gozar neste mundo. Se a uns faltam meios de subsistência e a outros sobram, deve-se isso ao egoísmo de uns ou à indolência de outros, que desanimam ante os obstáculos naturais do trabalho. Há a considerar o caso de uma prova a que o homem necessitado esteja sujeito, e que lhe compete sofrer, e à qual sabia ele, de antemão, que viria a estar exposto. Há sempre grande merecimento em sofrer todas as provações da vida com coragem e abnegação.

Nos mundos de mais apurada organização, também os seres vivos se alimentam, mas os alimentos estão em relação com a sua natureza. Não poderíamos digerir os seus alimentos, assim como eles não poderão digerir os nossos.

3 — *Gozo dos bens terrenos.* O uso dos bens da terra é uma direito de todos os homens, conse- quente da necessidade de viver. Para instigar o homem ao cumprimento de sua missão, e experimentá-lo por meio da tentação, Deus colocou atrativos no gozo dos bens materiais. Assim, desenvolve o homem a sua razão, aprendendo a preservá-la dos excessos.

4 — *Necessário e supérfluo.* O homem ponderado conhece, por intuição, o limite do necessário. Muitos chegam a conhecê-lo por experiência, e à sua própria custa. A natureza traçou limites às nossas necessidades, mas o homem é insaciável. Adquirindo vícios, estes lhe alteram a constituição e lhe criam necessidades que não são reais. Os que açambarcam os bens da terra olvidam a Lei de Deus, e terão que responder pelas privações que houverem causado aos outros.

5 — *Privações voluntárias. Mortificações.* A lei de conservação obriga a prover as necessidades do corpo porque, sem força e saúde, impossível é o trabalho. É natural que o homem procure o bem-estar. Deus só proíbe o abuso, por ser contrário à conservação. O bem-estar, entretanto, não deve ser conseguido à custa de outrem nem com diminuição

das forças físicas ou morais do homem.

Há privações voluntárias que são meritórias, como a dos gozos inúteis, porque desprendem o homem da matéria e lhe elevam a alma. Meritório é também resistir à tentação que arrasta ao excesso ou ao gozo das coisas inúteis. É o homem privar-se do que lhe é necessário, para dar aos que carecem. Se essa privação não passar de simulacro, será uma irrisão. A vida de mortificações ascéticas, se somente serve para quem a pratica, e o impede de fazer o bem, representa egoísmo, seja qual for o pretexto com que o homem entenda de colori-la. Privar-se a si mesmo, e trabalhar para os outros, isso sim, é a verdadeira mortificação, segundo a caridade cristã. Alguns legisladores entenderam de, com um fim útil, interdizer o uso de certos alimentos e, para maior autoridade imprimirem às suas leis, apresentaram-nas como emanadas de Deus. Entretanto, é permitido ao homem alimentar-se de tudo o que lhe não prejudique a saúde. O mesmo se dá com relação à carne. Dada a constituição física do homem, a carne alimenta a carne. A lei de conservação lhe prescreve, como um dever, que mantenha suas forças e sua saúde, para cumprir a lei do trabalho. Ele tem, pois, que se alimentar conforme o reclame a sua organização. Outro tanto se dá com relação às mutilações operadas no corpo do homem ou dos animais. A Deus não pode agradar o que seja inútil, e o que for nocivo ser-lhe-á sempre desagradável. Deus só é sensível aos sentimentos que elevam para Ele a alma. Os sofrimentos naturais são os únicos que elevam a alma. Os voluntários de nada servem, quando não concorrem para o bem de outrem. Nada adianta abreviar a vida mediante rigores sobre-humanos, como fazem os bonzos, os faquires e alguns fanáticos de muitas seitas. Sofrer alguém, voluntariamente, apenas para seu próprio bem, é egoísmo; sofrer pelos outros é caridade.

CAPITULO VI DA LEI DE DESTRUIÇÃO

1— *Destruição necessária e destruição abusiva.* Preciso é que tudo se destrua para renascer e se regenerar. O que chamamos de destruição não passa de uma transformação, que tem por fim a renovação e melhoria dos seres vivos. Para se alimentarem, os seres vivos reciprocamente se destróem, destruição esta que obedece a um duplo fim: manutenção do equilíbrio na reprodução, e utilização dos despojos do invólucro exterior que sofre a destruição, e que não é parte essencial do ser pensante, que não se pode destruir. A natureza cerca os seres de meios de preservação e conservação, para que a destruição não se dê antes de tempo. O homem tem horror à morte justamente por isso, e procura prolongar a vida para poder cumprir a sua tarefa na Terra. Ao lado dos meios de conservação, colocou a natureza agentes de destruição. É o remédio ao lado do mal, para manter o equilíbrio da vida e servir-lhe de contrapeso. Em alguns mundos inferiores dá-se mais ou menos a mesma coisa, guardadas as proporções com o seu estado mais ou menos material;

entretanto, muito diversas são as condições de existência nos mundos mais adiantados que o nosso. A necessidade da destruição, no planeta Terra, se enfraquecerá à medida que o Espírito sobrepujar a matéria. Convém lembrar, entretanto, nesta questão de destruição, que o abuso jamais constitui direito. Toda destruição que excede aos limites da necessidade é uma violação da lei de Deus.

2 — *Flagelos destruidores.* Deus aplica este meio, para fazer a humanidade progredir mais depressa, e assim é necessário, para que mais pronto se dê o advento de uma melhor ordem de coisas, e para que se realize em alguns anos o que teria exigido muitos séculos. O homem não se aproveita de outros meios suaves que Deus lhe dá para progredir, e necessário se toma, então, que seja castigado o seu orgulho, e ele sinta a sua fraqueza. A vida terrena pouca coisa representa com relação ao infinito; por isso, pouca importância têm para o homem os flagelos destruidores, sob o ponto de vista do sofrimento.

3 — *Guerras.* O que impelle o homem à guerra é a predominância da sua natureza animal sobre a espiritual, e o transbordamento das suas paixões. À medida que ele progredir, menos freqüente se tornará a guerra, até que desaparecerá completamente, quando ele compreender a Justiça e praticar a lei de Deus. Grande culpado é aquele que suscita, a guerra, e muitas existências lhe serão necessárias para expiar todos os assassinatos de quê tenha sido causa.

4 — *Assassínio.* Aos olhos de Deus, é grande crime o assassinio, pois quem o pratica corta o fio de uma existência de expiação ou de missão. Só a necessidade de legítima defesa o pode escusar de responsabilidade ou, quando para praticá-lo, é constrangido pela força, como acontece na guerra. Será culpado, entretanto, pelas crueldades que cometa.

5 — *Crueldade.* A crueldade é o instinto de destruição no que tem de pior, porque não constitui uma necessidade, mas sim resulta de uma natureza má. Por isso, era essa a forma de caráter predominante nos povos primitivos. A crueldade se encontra, também, no seio de adiantadas civilizações, porque parte de Espíritos de ordem inferior, que precisam se encarnar entre homens adiantados, fazendo-o na esperança de também se adiantar, mas sucumbindo sob a predominância da natureza primitiva. Entretanto, como a humanidade progride, um dia esses homens desaparecerão deste mundo, como o mau grão, que se separa do bom quando joeirado.

6 — *Duelo.* O duelo é um assassinio e um costume absurdo, digno dos bárbaros, e aquele que o praticar, conhecendo a sua própria fraqueza, será então considerado um suicida. O "ponto de honra" invocado para realização do duelo não passa de orgulho e vaidade.

7 — *Pena de morte.* Quando os homens estiverem mais esclarecidos, a pena de morte será completamente abolida, na Terra. Há para o homem outros meios de se preservar de perigos que não matando. Demais, é preciso abrir e não fechar ao criminoso a porta do arrependimento. Disse Jesus: "Quem matar com a espada, pela espada perecerá". Mais grave será a responsabilidade do homem, se impuser a pena de morte em nome de Deus.

Isso constitui um crime pelo qual, quem o praticou, terá de responder sob variados aspectos.

CAPÍTULO VII DA LEI DE SOCIEDADE

1 — *Necessidade da vida social.* Deus fez o homem para viver em sociedade. O isolamento absoluto é contrário às leis da natureza, pois todos devem concorrer para o progresso, auxiliando-se mutuamente. Ao homem isolado, não é possível o progresso e, naquela condição, ele se embrutece e estiola.

3 — *Vida de isolamento. Voto de silêncio.* O isolamento absoluto é uma satisfação egoísta. Não pode agradar a Deus uma vida pela qual o homem se condena a não ser útil a ninguém. Fugir do mundo, por ser pernicioso seu contato, é então duplo egoísmo, mesmo que tenha as finalidades de uma expiação, pois fazer maior soma de bem que de mal constitui a melhor expiação. Não se incluem neste número os que fogem do mundo para se votar aos misteres de socorrer os desgraçados. Esses se devam, e têm o duplo mérito de se colocar acima dos gozos materiais e de fazer o bem obedecendo à lei do trabalho. Do mesmo modo, buscar no retiro a tranqüilidade não é retraimento absolutamente egoísta, desde que os que assim procedem trabalhem para a sociedade.

O voto de silêncio, é uma tolice. A palavra é faculdade natural, e não foi sem necessidade que Deus a outorgou ao homem. É condenável, apenas, o abuso, e não o uso das faculdades dadas por Deus.

1 — *Laços de família.* A ternura da mãe pelos filhos tem por princípio o instinto de conservação dos seres que ela deu à luz. Logo que esses seres podem cuidar de si mesmos, está ela com a sua tarefa concluída. Os laços sociais são necessários ao progresso, e os da família mais apertados tornam os primeiros. Quis Deus, por essa forma, fazer com que os homens aprendessem a se amar como irmãos.

O relaxamento dos laços de família é condenável, pois representa uma recrudescência do egoísmo.

CAPITULO VIII DA LEI DO PROGRESSO

1 — *Estado da natureza.* O estado de-natureza é o estado primitivo. A civilização é incompatível com o estado de natureza, ao passo que a lei natural contribui para o progresso da humanidade. Há quem considere o estado de natureza como o da mais perfeita felicidade na Terra. É a felicidade do bruto.

É ser feliz à maneira dos animais. O homem não pode retrogradar para o estado de natureza; tem que progredir incessantemente, e não pode volver ao estado de infância.

2 — *Marcha do progresso.* O homem progride por si mesmo, naturalmente. Mas nem

todos progredem ao mesmo tempo e do mesmo modo. Dá-se, então, que os mais adiantados auxiliam o progresso dos outros, por meio do contato social.

O progresso moral decorre do progresso intelectual, mas nem sempre o segue imediatamente. O progresso intelectual faz compreensível o bem e o mal, e o homem, desde então, pode escolher. O desenvolvimento do livre arbítrio acompanha o da inteligência e aumenta a responsabilidade dos atos. Os povos, porém, como os indivíduos, só passo a passo atingem o progresso completo. O moral e a inteligência são duas forças que, só com o tempo, chegam a equilibrar-se.

O homem não pode paralisar a marcha do progresso, mas muitas vezes a embarça. Os que assim procederem serão levados de roldão pela torrente que procurarem deter. O progresso é regular e lento, resultando da força das coisas. Quando um povo, entretanto, não progride tão depressa quando devera, Deus o sujeita, de tempos em tempos, a um abalo físico ou moral, que o transforma. Às vezes faz-se mister que o mal chegue ao excesso, para tornar compreensível a necessidade do bem. Os maiores obstáculos ao progresso são o orgulho e o egoísmo. Entende-se esse progresso como sendo o moral, porquanto o intelectual se efetua sempre.

3 — *Povos degenerados.* A História nos dá notícia de alguns povos que, depois de abalos que os revolveram profundamente, caíram na barbárie. Este fato não invalida a lei do progresso. Os elementos componentes desses povos, e que caíram na barbárie, já eram degenerados. Os que não o eram passaram para habitações mais perfeitas e continuaram a progredir, enquanto que outros Espíritos, menos adiantados, preencheram as vagas que ficaram. As raças rebeldes vão se aniquilando corporalmente, todos os dias.

Os homens mais civilizados já foram, em tempos longínquos, selvagens e mesmo antropófagos. O progresso fará, todavia, com que os homens da Terra vivam, um dia, felizes e em paz, não como uma nação única — o que seria impossível — mas como irmãos, sem a preocupação de causar dano ao seu vizinho ou de viver às expensas dele.

4 — *Civilização.* A civilização tem que ser um progresso incompleto, porque o homem não passa subitamente da infância à maturidade que tem de atingir. Assim, só será completa quando o moral estiver tão desenvolvido quanto a inteligência; quando a sociedade houver banido os vícios que a desonram, e quando os homens viverem como irmãos, praticando a caridade cristã.

5 — *Progresso da legislação humana.* Se todos compreendessem bem as leis naturais, não haveria necessidade do concurso das leis humanas. Uma sociedade depravada, por certo que precisa de leis severas. Só a educação poderá reformar os homens que, então, não precisarão mais de leis tão rigorosas.

6 — *Influência do Espiritismo no progresso.* O Espiritismo tomar-se-á a crença geral, e marcará nova era na história da humanidade. Terá no entanto, que sustentar grandes lutas, mais contra o interesse que coítrá a convicção. Como,

porém, virão a ficar isolados, seus contraditores se sentirão forçados a pensar como os demais, sob pena de se tornarem ridículos. Destruindo o materialismo, que é uma das chagas da humanidade, ele fará com que os homens compreendam onde se encontram seus verdadeiros interesses. 1*^9

Deixando a vida futura de estar velada, pela dúvida, o homem perceberá melhor que, por meio do presente, lhe é dado preparar o seu futuro. Abolindo os prejuízos de seita, castas e cores, ensina aos homens a grande solidariedade, que os há de unir como irmãos. As idéias, entretanto, só pouco a pouco se modificam, conforme os indivíduos, e preciso é que algumas gerações passem, para que se apaguem totalmente os vestígios dos velhos hábitos.

CAPITULO IX DA LEI DE IGUALDADE

1 — *Igualdade natural.* Todos os homens são iguais perante Deus, cujas leis são feitas para todos.

2 — *Desigualdade de aptidões.* Deus criou iguais todos os Espíritos, mas cada um deles vive há mais ou menos tempo. Conseqüentemente, uns têm feito maior ou menor soma de aquisições. A diferença entre eles está na diversidade dos graus de experiência alcançada, e da vontade com que obram, vontade que é o livre arbítrio. Daí o se aperfeiçoarem uns mais rapidamente do que outros. Demais, sendo solidários entre si todos os mundos, necessário se torna que os habitantes dos mundos superiores, que na sua maioria foram criados antes do nosso, venham habitá-lo, para nos dar exemplos de vida sã. Esses habitantes podem escolher um invólucro mais grosseiro ou uma posição mais precária, para penetrar em nosso mundo, porém tudo isso para lhes servir de ensinamento ou ajudá-los a progredir.

3 — *Desigualdades sociais.* A desigualdade social não é lei da natureza. É obra do homem, e não de Deus. Algum dia desaparecerá, porque eterna só é a lei de Deus. Assim, os que abusam da superioridade de suas posições sociais, para em proveito próprio oprimir os fracos, serão a seu turno oprimidos, renascendo numa existência em que terão de sofrer tudo o que houverem feito sofrer os outros.

4 — *Desigualdade das riquezas.* A desigualdade das riquezas origina-se, nas mais das vezes, da velhacaria e do roubo. É preciso que busquemos a fonte das riquezas dos homens, para sabermos se são sempre puras, ou seja, se não se originaram de uma espoliação ou de uma injustiça. É certo que os que mais tarde herdaram uma riqueza mal adquirida não são responsáveis pelo mal que outro hajam feito, sobretudo se o ignoram. Convém, entretanto, saber que muitas vezes a riqueza só vem ter às mãos de um homem para lhe proporcionar ensejo de reparar uma injustiça. Se o fizer em nome daquele que cometeu a injustiça, a ambos será a reparação levada em conta. Quem quer que seja pode, outros-sim, dispor de seus bens, em vida; entretanto, deve se lembrar de que toda ação produz seus frutos: doces são os das boas ações; amargos sempre os das outras. Não é possível a igualdade absoluta das

riquezas, porque a isso se opõe a diversidade das faculdades e de caracteres. A igualdade das riquezas, com que alguns homens sonham, provém de ambição e inveja encobertas. Essa igualdade seria desfeita pela força das coisas. Deve ser combatido o egoísmo, que é a chaga social deste mundo, em lugar de se correr atrás de quimeras.

O bem-estar, apesar de ser relativo, todos dele poderiam gozar, se se entendessem convenientemente, porque o verdadeiro bem-estar consiste em cada um empregar o seu tempo como lhe apraza e não na execução de trabalhos pelos quais nenhum gosto sente. Como cada um tem aptidões diferentes, nenhum trabalho útil ficaria por fazer. Mas os homens não se entendem, porque não querem praticar a Lei da Justiça.

5 — *As provas da riqueza e da miséria.* Deus concede a uns a riqueza e a outros a miséria, para experimentá-los de modos diferentes, e essas provas são escolhidas pelos próprios Espíritos, que nelas, entretanto, sucumbem com freqüência. A miséria provoca queixas contra a Providência e a riqueza incita os excessos. O rico, aceita a prova, torna-se egoísta, orgulhoso e insaciável. Com a riqueza, suas necessidades aumentam, e ele nunca julga possuir o bastante para si.

6 — *Igualdade dos direitos do homem e da mulher.* Deus outorgou, tanto ao homem como à mulher, a inteligência do bem e do mal e a faculdade de progredir. A mulher é mais fraca, fisicamente, do que o homem, porque lhe foram designadas funções especiais: ao homem, por ser o mais forte, trabalhos rudes; à mulher, os trabalhos leves; a ambos, o dever de se ajudarem mutuamente a suportar as provas de uma vida cheia de amargor. As funções da mulher têm, mesmo, importância maior que as do homem, pois é ela que lhe dá as primeiras noções da vida. Uma legislação, para ser perfeita, justa, deve consagrar a igualdade de direitos do homem e da mulher, mas não a igualdade de funções. Ocupe-se do exterior o homem, e do interior a mulher.

7 — *Igualdade perante o túmulo.* A perpetuação da memória por meio de monumentos fúnebres é o último ato de orgulho dos parentes, desejosos de se glorificarem a si mesmos. A lembrança de um ser querido não dura menos no coração do pobre que não pode colocar sobre o túmulo de um ente querido senão uma simples flor. Entretanto, não é reprovável, de modo absoluto, a pompa dos funerais, quando tiver em vista honrar à memória de um homem de bem, porque é de bom exemplo.

CAPITULO X DA LEI DE LIBERDADE

1 — *Liberdade natural.* Não há no mundo posição em que o homem possa jactar-se de gozar de absoluta liberdade, porque todos precisam uns dos outros, assim os pequenos como os grandes. Todos têm direitos recíprocos, que precisam ser respeitados.

2 — *Escravidão.* A escravidão é contrária à lei de Deus, porque é um abuso de força. É

certo que a desigualdade natural de aptidões coloca certas raças humanas sob a dependência de raças mais inteligentes, mas para que se elevem, e não para que se embruteçam.

3— *Liberdade de pensar.* No ato de pensar, goza o homem de ilimitada liberdade, porém perante Deus é responsável pelo seu pensamento.

4 — *Liberdade de consciência.* A consciência é um pensamento íntimo. Ao homem falece o direito de opor embaraços à liberdade de consciência, porquanto só a Deus cabe julgá-la. Em matéria de crença, toda ela é respeitável, quando sincera e conducente à prática do bem. Condenáveis são as crenças que conduzem ao mal. Por isso, podemos e devemos trazer ao caminho da verdade os que se transviam, obedecendo a falsos princípios, mas servindo-nos da brandura e da persuasão; nunca da força. As doutrinas que são expressão única da verdade são aquelas que mais homens de bem e menos hipócritas fazem, distinguindo-se pela prática da lei do Amor.

5 — *Livre arbítrio.* O homem tem a liberdade de pensar, e igualmente a de obrar. Sem o livre arbítrio, seria uma máquina. Só a aberração das faculdades pode tirar ao homem o livre arbítrio, porque já não é senhor do seu pensamento, por ter a inteligência turbada por uma causa qualquer, e desde então não pode ter liberdade.

6 — *Fatalidade.* A fatalidade existe unicamente pela escolha que o Espírito fez, ao encarnar, desta ou daquela prova a sofrer. Escolhendo-a, instituiu para si uma espécie de destino, que é a consequência, mesma, da posição em que vem a se achar colocado no mundo, No que toca às provas morais e às tentações, o Espírito, conservando o livre arbítrio, é sempre senhor para ceder ou resistir. Por isso, qualquer que seja o perigo que nos ameace, não pereceremos pela morte do corpo, se não souo a hora da nossa partida. Entretanto, do fato de ser infalível a hora da morte, não se deve deduzir que sejam inúteis as precauções para evitá-la, pois essas precauções são sugeridas por Deus, com o fim de evitarmos a morte, que sempre nos ameaça. O fato de ver o homem a sua vida posta em perigo já constitui um aviso para que se desvie do mal e se tome melhor. Muito amiúde tem o homem pressentimento do fim de sua vida carnal, como pode ter o de que ainda não morrerá. Quem teme a morte é o homem; não o Espírito encarnado. Não se deve acreditar que tudo o que sucede ao homem estava escrito. Um acontecimento qualquer pode ser a consequência de um ato praticado por livre vontade e, assim, se o homem não o houvesse praticado, o acontecimento não se teria dado. Aquele que delibera sobre uma coisa é sempre livre de fazê-la ou não. Se o Espírito soubesse antecipadamente que, como homem, teria de cometer um crime, estaria a isso predestinado. Ninguéni há predestinado ao crime e, todo crime, como qualquer outro ato, resulta sempre da vontade e do livre arbítrio. O que chamamos fatalidade decorre do gênero de existência escolhida e, portanto, não é fatalidade. Do mesmo modo, dizer-se que alguém "nasceu sob uma boa estrela" é uma superstição; uma alegoria que algumas pessoas fazem a tolice de tomar ao pé da letra.

7 — *Conhecimento do futuro.* Em princípio, o futuro é oculto ao homem. Só em casos raros e excepcionais permite Deus que seja revelado. Se o homem conhecesse o futuro, negligenciaria o presente e não obraria com a liberdade com que o faz. Assim, o próprio homem prepara, ele mesmo, muitas vezes, os acontecimentos que hão de sobrevir no curso de sua existência.

8 — *Resumo teórico do móvel das ações humanas.* Desprendido, da matéria, e no estado de erraticidade, o Espírito procede à escolha de suas futuras existências corporais, de acordo com o grau de perfeição a que haja chegado, e é nisto que consiste o seu livre arbítrio neste mundo. Se ele cede, depois, à influência da matéria, sucumbe nas provas que por si mesmo escolheu. Assim, o homem não é fatalmente levado ao mal. Os atos que pratica não foram previamente determinados; os crimes que comete não resultam de uma sentença do destino. Ele pode, por prova ou por expiação, escolher uma existência em que seja arrastado ao crime, quer pelo meio em que venha a ser colocado, quer pelas circunstâncias que sobrevenham, mas será sempre livre de agir, ou não agir. Sem o livre arbítrio, o homem não teria nem culpa por praticar o mal, nem mérito em praticar o bem.

A fatalidade, como vulgarmente é entendida, supõe a decisão prévia e irrevogável de todos os sucessos da vida. Tal lei seria a negação da do progresso, porquanto o homem, tudo esperando da sorte, nada tentaria para melhorar a sua posição. Fatalidade só existe se considerarmos que o homem sofre mesmo, fatalmente, todas as vicissitudes da existência na Terra e a consequência de todas as suas tendências boas ou más. Ele pode, porém, anular essa fatalidade, pois da sua vontade depende ceder ou não às suas tendências, visto que os pormenores dos acontecimentos na vida do homem ficam subordinados às circunstâncias que ele próprio cria pelos seus atos. Apenas no que concerne à morte, está o homem submetido, em absoluto, à inexorável lei da fatalidade. Quanto ao mais, está em suas mãos fazer, ou não fazer, contando, além disso, com o auxílio de Deus e a assistência dos bons Espíritos. E foi por isso que Jesus nos legou a Oração Dominical, onde recomenda que digamos: "Não nos deixes sucumbir à tentação, mas livra-nos do mal".

CAPITULO XI DA LEI DE JUSTIÇA, DE AMOR E DE CARIDADE

1 — *Justiça e direitos naturais.* O sentimento de justiça está de tal modo patente na natureza que, para prová-lo, basta que nos lembremos de que nos revoltamos à simples idéia de uma injustiça. O progresso moral desenvolve esse sentimento, mas não o dá, pois é Deus quem o põe no coração do homem. Por isso, em homens simples e incultos se deparam noções mais exatas da justiça de que em alguns que possuem grande cabedal de saber. Os homens entendem a justiça de modos diferentes, porque a esse sentimento se misturam

paixões que o alteram, fazendo-lhes ver as coisas por um prisma falso. Justiça consiste em cada um respeitar os direitos dos demais. Esses direitos são regulados por duas leis: a humana e a natural. Há direitos mutáveis, que são regulados pelas leis humanas, apropriadas aos costumes e caracteres dos homens, e por eles criadas, e há direitos naturais, regulados pelas leis divinas, resumidas nesta sentença de Deus: "Queira cada um para os outros o que quereria para si mesmo".

Da necessidade que o homem tem de viver em sociedade, decorrem para ele obrigações especiais, sendo a primeira a de respeitar os direitos dos seus semelhantes. Porque o homem não pratica a lei da justiça e, ao contrário, usa de represálias, criou a perturbação e a confusão em que vivem as sociedades humanas.

2 — *Direito de propriedade. Roubo.* O primeiro de todos os direitos naturais do homem é o de viver. Por isso ninguém deve atentar contra a vida do seu semelhante nem fazer o que quer que seja que possa comprometer-lhe a existência corporal.

O direito de viver dá ao homem o de acumular bens, que lhe permitam repousar quando mais não possa trabalhar, mas ele deve fazê-lo em família, como a abelha, por meio de um trabalho honesto, e tem o direito de defender esses bens. Não deve, porém, exagerar o desejo de possuir, nem deve possuir para si somente, para sua satisfação pessoal, pois isso constitui egoísmo.

A "propriedade legítima" só é aquela que foi adquirida sem prejuízo de outrem. Tudo o que legitimamente se adquire, mesmo em caráter ilimitado, constitui uma propriedade. A legislação dos homens, porque imperfeita, consagra muitos direitos convencionais, que a Lei de Justiça reprovava, e eis porque essa legislação é reformada à medida que o progresso se efetua e melhor eles compreendem a justiça.

3 — *Caridade e amor ao próximo.* O verdadeiro sentido da palavra "caridade" é benevolência para com todos, indulgência para com as imperfeições dos outros, perdão das ofensas. Assim devemos proceder, mesmo para com os nossos inimigos. "Amar aos inimigos", como Jesus recomendou, é perdoar-lhes, e lhes retribuir o mal com o bem. Quem assim não procede para com os inimigos, está exercendo a vingança.

Uma sociedade que se baseia na Lei de Deus não pode permitir que o homem se degrade física e moralmente, pedindo esmola; porque está contribuindo para que ele se embruteça. É verdade que há homens que se vêem condenados a mendigar por culpa sua; mas se uma boa educação moral lhes houvera ensinado a praticar a Lei de Deus, não teriam caído nos excessos causadores da sua perdição. Por isso não se condena a esmola, mas condena-se, entretanto, a maneira por que habitualmente é dada, porque a ostentação tira o mérito ao benefício. A verdadeira caridade é sempre bondosa e benévola. Está tanto no ato como na maneira por que é praticada.

Deve-se distinguir, entretanto, a esmola, propriamente dita, da beneficência. Aquele que pede, nem sempre é o mais necessitado. O temor da humilhação detém o verdadeiro pobre,

que muitas vezes sofre sem se queixar. Um Espírito, em qualquer condição que esteja — encarnado ou desencarnado — está sempre colocado entre um superior, que o guia e aperfeiçoa, e um inferior, para com o qual tem que cumprir esses mesmos deveres. Precisamos, por isso, ser caridosos, tanto tirando, friamente que seja, o óbulo do nosso bolso, para dá-lo a quem o pede, como indo ao encontro das misérias ocultas.

4 — *Amor materno e filial.* O amor materno tanto é uma virtude como um sentimento instintivo comum aos homens e aos animais. A natureza deu à mãe o amor a seus filhos, no interesse da conservação deles. No animal, porém, esse amor se limita às necessidades materiais, cessando quando desnecessários se tornam os cuidados. No gênero humano, o amor materno sobrevive mesmo à morte, e acompanha o filho mesmo no além-túmulo. Há mães que odeiam os filhos, mas isso às vezes decorre de uma prova que o Espírito do filho escolheu, ou de uma expiação, se aconteceu ter sido mau pai ou mãe perversa, ou mau filho, em outra existência. Em todos os casos a mãe má não pode deixar de ser animada por um mau Espírito, que procura criar embaraços ao filho, para que sucumba na prova a que está submetido. A missão dos pais consiste em se esforçarem por encaminhar os filhos para o bem, mesmo porque muitas vezes estão colhendo o que semearam.

CAPITULO XII DA PERFEIÇÃO MORAL

1 — *As virtudes e os vícios.* A virtude mais meritória é a que assenta na mais desinteressada caridade. Toda virtude, entretanto, tem seu mérito próprio, porque todas elas indicam progresso na senda do bem.

O sinal mais característico da imperfeição do homem é o interesse pessoal. O verdadeiro desinteresse é coisa ainda tão rara na Terra que, quando se patenteia, todos o admiram, como se fora um fenômeno. Grande parte das pessoas que qualificamos de desinteressadas, prodigalizam seus haveres, sem utilidade real, não lhes dando emprego criterioso. Têm o merecimento do desinteresse, mas não tem o merecimento do bem que poderiam fazer, porquanto a prodigalidade irrefletida constitui, pelo menos, falta de juízo. A riqueza não é para ser fechada em vim cofre forte, mas também não é para ser dispersada ao vento. Teremos de responder por todo bem que poderíamos fazer e não fizemos, e por todas lágrimas que poderíamos ter estancado com o dinheiro que demos aos que dele não precisavam.

O bem deve ser feito sem interesse preconcebido. Entretanto, aquele que o faz pelo só prazer de ser agradável a Deus e ao seu próximo que sofre, já se acha num certo grau de progresso que lhe permitirá alcançar a felicidade muito mais depressa do que seu irmão que, mais positivo, faz o bem por cálculo, e não impelido pelo ardor natural do coração. Procede como egoísta todo aquele que calcula o que lhe possa cada uma de suas boas ações render na vida futura. Nenhum egoísmo há, porém, em querer o homem melhorar-se para se

aproximar de Deus.

Devendo o futuro constituir objeto de nossa principal preocupação, devemos nos esforçar por obter conhecimentos científicos que digam respeito às coisas e às necessidades materiais, pois o Espírito, para ser perfeito, precisa saber tudo. Não quer isto dizer que devemos cobiçar as riquezas com o desejo de fazer o bem. É um sentimento louvável, mas que quase sempre oculta intuítos apenas de ordem pessoal.

Incorre em grande culpa o homem que se põe a estudar os defeitos alheios, quando o faz para os criticar ou divulgar. A indulgência para com os defeitos dos outros é uma das virtudes contidas na caridade. Essa indulgência deve abranger as chagas da sociedade, que só devem ser criticadas quando um sentimento bom pairar por sobre a crítica e não o desejo de escândalo.

2 — *Paixões.* A paixão está no excesso do que se cresceu à vontade, visto que o princípio que lhe dá origem foi posto no homem para o bem, tanto que a paixão pode levá-lo à realização de grandes coisas. O abuso que dela se faz é que causa o mal. Uma paixão se torna perigosa a partir do momento em que o homem deixa de poder governá-la.

O homem, pelos seus esforços, pode vencer as suas más inclinações. Quando não as vence é porque lhe falece a vontade, pois se pedir a Deus e ao seu bom gênio, os bons Espíritos o auxiliarão. Vencer as paixões representa uma vitória do Espírito sobre a matéria, e que pode ser obtida com a prática da abnegação.

3 — *O egoísmo.* O egoísmo é a raiz de todos os vícios, porque dele derivam todos os males. Todos os esforços do homem devem tender para extirpar o egoísmo. Ele se funda no interesse pessoal mas, à medida que os homens se instruem acerca das coisas espirituais, menos valor dão às coisas materiais. Daí a necessidade de ir o homem se libertando da influência da matéria, fazendo com que a vida moral vá predominando sobre a vida material, com a compreensão do seu futuro real, atualmente desfigurado por ficções alegóricas.

4 — *Caracteres do homem de bem.* O Espírito revela a sua elevação, quando todos os atos da sua vida corporal representam a prática da lei de Deus, e quando, antecipadamente, compreende a vida espiritual. Verdadeiramente, homem de bem é o que pratica a lei de justiça, amor e caridade, na sua maior pureza.

5 — *Conhecimento de si mesmo.* O meio mais prático, mais eficaz para o homem se melhorar nesta vida e resistir à atração do mal, é o indicado por um sábio da antigüidade, que já dizia: "Conhece-te a ti mesmo". Interroque o homem, no fim do dia, a sua consciência, passe em revista o que fez, e pergunte a si mesmo se não faltou a algum dever; se ninguém teve motivo de se queixar dele. O que assim fizer, rogando a Deus e ao seu anjo de guarda que o esclareça, adquirirá forças para se aperfeiçoar. Antes disso, porém, precisa o homem afastar da idéia o amor próprio, porque ele lhe atenua as faltas e as torna desculpáveis, assim como o avarento se considera apenas "um homem econômico e previ-

dente". Quando estivermos indecisos sobre o valor de uma de nossas ações, meditemos como a qualificaríamos se praticadas por outra pessoa e, principalmente, contra nós.

QUARTA PARTE DAS ESPERANÇAS E CONSOLAÇÕES

CAPÍTULO I DAS PENAS E GOZOS TERRESTRES

1 — *Felicidade e infelicidade relativas.* Na Terra, não pode o homem gozar de completa felicidade, pois a vida aqui lhe foi dada como prova ou expiação. Dele depende, porém, a suavização de seus males e o ser tão feliz quando possível. Praticando a lei de Deus, a muitos males se forrará. A felicidade terrestre, com relação à vida material, é a posse do necessário e, com relação a vida moral, a consciência tranqüila e a fé no futuro.

Deve o homem resignar-se aos males que o atingem e sofrê-los sem murmurar, se quiser progredir. Se alguns homens são favorecidos com os dons das riquezas, é — porque estão submetidos a uma prova que, de ordinário, é mais perigosa que a da miséria. De outro lado, é preciso considerar que os males deste mundo estão nas razões das necessidades fictícias criadas pelos homens. A muitos desenganos se poupa nesta vida aquele que sabe restringir seus desejos, e olha sem inveja para os que estejam acima de si. Verdadeiramente infeliz, o homem só o é quando sofre da falta do necessário à vida e à saúde do corpo. E ainda assim pode acontecer que essa privação provenha de sua própria culpa. Se for ocasionada por outrem, a responsabilidade recairá sobre aquele que lhe tiver dado causa. Muitos males são provenientes de não seguir o homem a sua vocação; e muitas vezes, também, são os pais que, por orgulho ou avareza, desviam seus filhos da senda que a Natureza lhes traçou, comprometendo-lhes a felicidade por efeito desse desvio. Mas responderão por isso.

Não se diga que são mais numerosas na sociedade as classes sofredoras do que as felizes. Nenhuma é perfeitamente feliz, pois o que o homem, muitas vezes, julga ser felicidade, oculta pungentes aflições. O sofrimento está por toda parte, porque a Terra é lugar de expiação. Se na Terra a influência dos maus sobrepuja a dos bons é porque os bons se entregam à fraqueza, aos passo que os maus são intrigantes e audaciosos. Quando os bons deixarem de ser fracos e tímidos, sobrepujarão os maus.

2 — *Perda dos entes caros.* Esta causa de dor atinge tanto o rico como o pobre, e representa uma prova ou expiação a que todos estão sujeitos, pois a lei é comum. Tem o homem, porém, uma consolação, pois que pode se comunicar com os seus amigos pelos meios que estão ao seu alcance, enquanto não dispuser de outros mais diretos e mais acessíveis aos seus sentidos. Não há profanação nas comunicações com o além-túmulo, desde que haja recolhimento, e a evocação seja praticada respeitosa e convenientemente.

O Espírito é sensível à lembrança e à saudade dos que lhe eram caros na Terra; por isso, uma dor incessante e desarrazoada, de nossa parte, o atinge penosamente, pois nessa dor excessiva ele vê a nossa falta de fé no futuro, e de confiança em Deus.

3 — *Decepções. Ingratidão. Afeições destruídas.* As decepções oriundas da ingratidão e

da fragilidade dos laços da amizade são uma das fontes de amargura, do homem. Devemos, porém, lastimar os ingratos e os infiéis, porque a ingratidão é filha do egoísmo, e o egoísta topará mais tarde com corações insensíveis como o seu próprio o foi. Demais, a ingratidão é uma prova para a perseverança do homem na prática do bem. O homem de coração se sente sempre feliz pelo bem que faz e sabe que, se esse bem fôr esquecido nesta vida, será lembrado em outra, e que o ingrato se envergonhará e terá remorsos da sua ingratidão.

4 — *Unões antipáticas.* Os Espíritos simpáticos são induzidos a se unir. Acontece, entretanto, que frequentemente vemos entre os encarnados um sincero amor acolhido com indiferença e até repulsão, e mesmo dois seres, unidos por viva afeição, tornarem-se antipáticos e odientos entre si. Isto constitui uma punição, se bem que passageira, convindo notar que muitos acreditam amar perdidamente, porque apenas julgam as coisas pela aparência. Obrigados a viver com as pessoas amadas, não tardam em reconhecer que só haviam experimentado um encantamento material. Duas espécies há de afeição: a do corpo e a da alma. Quando pura e simpática, a afeição da alma é duradoura; efêmera, a do corpo.

A falta de simpatia entre os seres destinados a viver juntos constitui fonte de dissabores amaríssimos, mas dessa infelicidade somos quase sempre a causa principal* pois nessas uniões buscamos ordinariamente a satisfação do orgulho e da ambição, mais do que a ventura de uma afeição mútua. Sofremos, então, a conseqüência das nossas ações. Se uma das vítimas fôr inocente, a responsabilidade recairá sobre a que fôr a causadora.

Nota: Emanuel (O Consolador) e A Grande Síntese esclarecem que o casamento é quase sempre a resultante de um compromisso assumido no Espaço. Ver cap. 2, n.º 5.

5 — *Temor da morte.* O temor da morte é infundado. Provém da crença em um inferno eterno e úm paraíso, ou, quando não, do próprio materialismo criado por essa crença, pois as pessoas que não a admitem se tornam materialistas, julgando que além da vida presente nada mais há.

Ao justo nenhum temor inspira a morte, porque com a fé tem a certeza do futuro; com a esperança, conta com uma vida melhor e, com a caridade, se certifica de que no mundo para onde for nada terá a temer.

6 — *Desgosto da vida. Suicídio.* O desgosto da vida é efeito da ociosidade, da falta de fé ou da saciedade. Ao homem não assiste o direito de dispor da sua vida; por isso o suicídio importa na transgressão da Lei de Deus, salvo se praticado por um louco, que não sabe o que faz. Fugir às misérias e decepções do mundo significa falta de coragem. Deus ajuda aos que sofrem mas não aos que não querem ter energia nem coragem. As tribulações da vida são provas ou expiações. Ai dos que conduzirem um encarnado ao suicídio, porque responderão por um assassinio. Mesmo que o suicídio tenha por finalidade fazer escapar à vergonha de uma ação má, ainda assim é condenável, porque em lugar de uma falta haverá duas. Quem tem a coragem de praticar o mal deve tê-la também para sofrer as conseqüências. Não se chega a uma vida melhor por meio do suicídio, pois será preciso voltar para concluir a vida

que foi cortada. Entretanto, não constitui suicídio o sacrifício da vida para salvar a de outrem, mas isso conforme a intenção, pois Deus se opõe a todo sacrifício inútil. Perecer vítima de paixões a que se possa resistir também é suicídio, assim como também é culpado do crime de suicídio aquele que não aguarda o termo que Deus lhe marcou para a existência, para abreviar os instantes de seus sofrimentos.

Muito diversas são as conseqüências do suicídio. Não há penas determinadas para essa falta e, em todos os casos, correspondem sempre às causas que o produziram. A uma conseqüência, porém, o suicida não pode escapar: o desapontamento e a expiação da falta, imediatamente ou em outra existência.

CAPITULO II DAS PENAS E GOZOS FUTUROS

1 — *O Nada. Vida futura.* O nada não existe. A idéia do nada tem qualquer coisa que repugna à razão. Crer em Deus sem admitir a vida futura é um contra-senso. O sentimento de uma existência melhor reside no foro íntimo de todos os homens. A vida futura implica a conservação da nossa individualidade após a morte.

2 — *Instituição das penas e gozos futuros.* A crença nas penas e gozos futuros é um pressentimento da realidade, trazido ao homem pelo Espírito nele encarnado.

No momento da morte, o sentimento que domina a maioria dos homens é a dúvida, nos céticos ou empedernidos; o temor, nos culpados; a esperança, nos homens de bem. Os céticos são em número muito menor do que julgamos. Muitos se fazem de espíritos fortes, durante a vida, somente por orgulho. No momento da morte deixam de ser tão fanfarrões.

3 — *Intervenção de Deus nas penas e recompensas.* Deus se ocupa com todos os seres que criou, por mais pequeninos que sejam. Nada, para a sua bondade, é destituído de valor. Deus tem suas leis a regerem todas as nossas ações. Se as violamos, nossa é a culpa. Quando um homem comete um excesso qualquer, Deus não profere contra ele um julgamento. Para o caso — por exemplo — da gula, ele traçou um limite: a enfermidade. As enfermidades e, muitas vezes, a morte, são conseqüências de excessos.

Todas as nossas ações estão submetidas à lei de Deus. Nenhuma há, por mais insignificante que nos pareça, que não possa ser uma violação daquelas leis. Se sofremos as conseqüências dessa violação, só nos devemos queixar de nós mesmos que, desse modo, nos fazemos os causadores da nossa felicidade ou infelicidade futuras.

4 — *Natureza das penas e gozos futuros.* As penas e gozos da alma, depois da morte, nada têm de material, pelo simples fato de que a alma não é matéria. Entretanto, são mil vezes mais vivos dos que os que experimentamos na Terra, porque o Espírito, uma vez liberto, é mais impressionável, visto que a matéria não lhe embota as sensações.

Das penas e gozos da vida futura faz o homem grosseira e absurda idéia, porque a sua inteligência ainda não se desenvolveu bastante para compreendê-los. Toma, então, como realidade as imagens e figuras que servem para comparação do que se passa em outras vidas.

A felicidade dos bons Espíritos consiste em conhecerem todas as coisas; em não sentirem ódio nem ciúme, nem inveja, nem ambição, nem qualquer das paixões que ocasionam a desgraça dos homens. O amor que os une lhes é fonte de suprema felicidade. Não experimentam as necessidades nem os sofrimentos, nem as angústias da vida material. Contudo, a felicidade dos Espíritos é proporcional à elevação de cada um. Só os puros Espíritos gozam da felicidade suprema, mas nem todos os outros são infelizes. Entre os maus e os perfeitos há uma infinidade de graus, em que os gozos são relativos ao estado moral. A satisfação das necessidades materiais representa para o homem uma fonte de gozos, mas de gozos do animal, e, quando ele não pode satisfazer a essas necessidades, passa por uma tortura. Livre da natureza animal, portanto, estará livre dessa tortura.

Não se deve tomar ao pé da letra o que é dito dos Espíritos puros; de se acharem reunidos no seio de Deus, ocupados em lhes entoar louvores. Seria uma bem-aventurança estúpida e monótona. Estar isento das tribulações da vida já é um gozo. Os Espíritos puros conhecem e sabem todas as coisas; dão útil emprego à inteligência, auxiliando o progresso dos outros Espíritos. As suas ocupações, assim, são um gozo. Os Espíritos inferiores sofrem, e os seus sofrimentos são tão variados como as causas que os determinaram, e proporcionados ao grau de inferioridade, como os gozos o são ao de superioridade. Da parte dos Espíritos bons, é sempre boa a influência que exercem sobre os outros. Os perversos, entretanto, procuram desviar da senda do bem e do arrependimento os que lhes parecem susceptíveis de se deixarem levar, e que são muitas vezes os que eles mesmos arrastaram ao mal durante a vida terrena. Assim, devemos nos lembrar de que a morte não nos livra das tentações. Entretanto, a ação dos maus Espíritos é sempre menor sobre os outros Espíritos do que sobre os homens, porque lhes falta o auxílio das paixões materiais.

Há a considerar um outro lado da questão:

É que, se as paixões não existem materialmente, no Espírito, existem no pensamento.

Os maus dão pasto a esses pensamentos. O avarento, por exemplo, vê o ouro que não lhe é dado possuir; o devasso, orgias em que não pode tomar parte; o orgulhoso, honras que lhe causam inveja. Espíritos há, atrasados, que dão pasto aos seus maus pensamentos conduzindo suas vítimas aos lugares onde se lhes ofereça o espetáculo das paixões que querem neles excitar.

Não há descrição possível dos sofrimentos maiores a que os Espíritos maus se vêm sujeitos, como punição por certos crimes. Mesmo os que a sofrem teriam dificuldade em nos dar uma idéia. Todavia, a crença na existência de um "fogo eterno" não passa de uma imagem criada para servir de freio às paixões humanas, que por sinal não deu resultado

algum, mesmo entre os que a ensinaram.

Os Espíritos inferiores percebem a felicidade dos justos, e isso lhes é um suplício, porque compreendem que estão dela privados por sua culpa. Daí resulta que o Espírito liberto da matéria aspira a uma nova vida corporal, pois que cada existência, se fôr bem empregada, abrevia um tanto a duração desse suplício. É então que o Espírito procede à escolha das provas por meio das quais possa voluntária, e por todo o bem que houvera podido fazer e não fez, assim como por todo o mal decorrente de não haver feito o bem.

O espetáculo das tristezas e dos sofrimentos da Terra é percebido pelos Espíritos, mas eles consideram de outro ponto de vista esses sofrimentos, porque sabem que são úteis ao nosso progresso se os suportarmos com resignação. Aflige-os muito mais a nossa falta de ânimo para suportar.

Não podendo os Espíritos ocultar reciprocamente os seus pensamentos, o culpado está perpetuamente em presença da sua vítima, e isso é um castigo para o culpado, até que tenha expiado suas faltas, quer como Espírito, quer como homem, em outras existências.

A alma que resgatou suas faltas já não tem a lembrança das mesmas a lhe perturbar a felicidade.

Os Espíritos entre os quais há recíproca simpatia para o bem encontram na sua união um dos maiores gozos, pois que não recebem vê-la perturbada pelo egoísmo.

A crença no Espiritismo ajuda o homem a se melhorar, firmando-lhes as idéias sobre certos pontos do futuro, mas só o bem assegura a sorte futura. O bem é sempre o bem, qualquer que seja o caminho que a ele nos conduza.

5 — *Penas temporais.* Quando a alma está encarnada, as tribulações da vida são-lhe um sofrimento, mas só corpo sofre materialmente. Como Espírito, está isenta de dores físicas, porém, tais sejam as faltas que haja cometido, pode vir a ser ainda mais desgraçada em nova existência. Dizer-se que quem morreu deixou de sofrer não exprime a realidade, porque, se o merece, continuará a sofrer ainda em posterior encarnação. Assim, o mau rico poderá reencarnar e terá que pedir esmolas; o orgulhoso se verá a braços com humilhações; o que abusa de sua autoridade e trata com desprezo e dureza os seus subordinados, se verá forçado a obedecer a um superior mais ríspido do que ele o foi. Todas as penas e tribulações da vida são expiações das faltas de outra existência, quando não as conseqüências das faltas da vida atual. Isso não quer dizer que todas as vicissitudes da vida constituam punição de faltas, porque muitas delas são provas impostas por Deus ou que nós mesmos escolhemos, como Espíritos, antes de nos encarnarmos, para expiação de faltas cometidas em outras existências, visto que jamais fica impune a infração da lei de Deus. Eis por que muitas vezes um ser encarnado neste mundo nos parece um justo e, no entanto, sofre. É a punição do seu passado.

À medida que se vão depurando, os Espíritos passam a encarnar em mundos cada vez mais perfeitos, até gozarem da felicidade de Espíritos puros, no seio-de Deus Se não se

depuram nesta existência, nenhum passo dando a perfeição, têm de recomeçar uma existência de natureza idêntica à precedente.

6 — *Expição e arrependimento.* O arrependimento pode-se dar tanto no estado espiritual como no corporal. Quando se dá no espiritual, o Espírito aspira a uma nova existência em que possa expiar suas faltas. Quando se dá no corporal, já na vida atual o Espírito progride, se tiver tempo de reparar suas faltas. O arrependimento sempre se apresenta ao Espírito; a diferença está somente em que uns gastam mais tempo e outros menos tempo para se arrepender, nesta ou na vida futura. Devendo em tudo haver progresso, os Espíritos que não compreendem a sua necessidade são a ele impulsionados pela dor. Todo Espírito tem que progredir incessantemente. Aquele que nesta vida só tem instinto do mal terá nalguma outra o do bem, e é para isso que nasce muitas vezes. O homem perverso, que não reconhece suas faltas durante a vida, sempre as reconhece depois da morte do corpo, e então mais sofre, porque sente em si todo o mal que praticou, ou de que voluntariamente foi causa. Contudo, o arrependimento nem sempre é imediato; porém cedo ou tarde virá.

A prece em favor de um Espírito só tem efeito sobre ele se se arrepende. Quanto aos que, impelidos pelo orgulho, se revoltam contra Deus e persistem em seus desvários, a prece nada pode, senão no dia em que um clarão de arrependimento se produza neles.

Já desde esta vida podemos ir reparando as nossas faltas, mas não creiamos que as resgataremos mediante algumas privações pueris, batendo no peito, ou distribuindo em esmolas o que possuímos, de vez que não temos possibilidades de levar nossos haveres para o outro lado da vida. Só por meio do bem se repara o mal.

A perda de um dedo mínimo, quando se esteja prestando um serviço, apaga mais faltas do que o suplício da carne suportado durante anos, com objetivo exclusivamente pessoal. Aquele que só depois de morto dá dos bens que possui já faz alguma coisa mais do que aquele nada dá. Entretanto é quase sempre mais egoísta do que generoso. Quer ter o fruto do bem sem o trabalho de praticá-lo.

Muitos, em artigo de morte, reconhecem suas faltas, já sem tempo de as reparar. É um arrependimento que lhes apressa a reabilitação mas não traz a absolvição.

7 — *Duração das penas futuras.* A duração dos sofrimentos na vida futura se rege por leis em que se revelam a sabedoria e a bondade de Deus. A duração do sofrimento baseia-se no tempo necessário para que o culpado melhore. Sendo o estado de sofrimento ou de felicidade proporcionado ao grau de purificação do Espírito, a duração e a natureza dos sofrimentos dependem do tempo que ele gaste em melhorar-se. À medida que o Espírito progride e os seus sentimentos se depuram, seus sofrimentos diminuem e mudam de natureza. Os sofrimentos do Espírito durariam eternamente, se ele pudesse ser eternamente mau. Se jamais se arrependesse e melhorasse, sofreria eternamente. Mas Deus não criou seres tendo por destino permanecer votados perpetuamente ao mal. Apenas os criou simples e ignorantes, tendo todos, no entanto, de progredir em tempo mais ou menos longo,

conforme decorrer da vontade de cada um.

8 — *Ressureição da carne.* O dogma da ressureição da carne outra coisa não é senão a reencarnação, ensinada pelos Espíritos e mal compreendida pelos homens, que tomaram esse ensino ao pé da letra. Os Espíritos não vêm subverter a religião, como alguns pretendem. Como, porém, são chegados os tempos de não mais ser empregada linguagem figurada, eles se exprimem sem alegorias, e dão às coisas sentido claro e preciso, que não possa estar mais sujeito a qualquer interpretação falsa.

9 — *Paraíso, Inferno e Purgatório.* As penas e os gozos são inerentes ao grau de perfeição dos Espíritos. Cada um tira de si mesmo o princípio de sua felicidade ou da-sua desgraça. E, como eles estão por toda parte, nenhum lugar circunscrito ou fechado existe especialmente destinado a uma e outra coisa. Quanto aos encarnados, esses são mais ou menos felizes ou desgraçados, conforme é mais ou menos adiantado o mundo em que habitam. Inferno e Paraíso são simples alegorias; por toda parte há Espíritos ditosos e inditosos. Todavia, os Espíritos de uma mesma ordem se reúnem por simpatia, e podem reunir-se onde queiram, quando são perfeitos.

Por "purgatório" nevem-se entender dores físicas e morais, ou seja'o tempo da expiação. Quase sempre é neste mundo que fazemos o nosso "purgatório", onde Deus nos obriga a expiar as nossas faltas. Por "alma a penar" deve-se entender uma alma errante e sofredora, incerta do seu futuro, e à qual podemos proporcionar o alívio que muitas vezes solicita, vindo comunicar-se conosco.

Por "céu" não se deve entender um lugar onde os Espíritos bons estejam todos aglomerados, sem outra preocupação que a de gozar, pela eternidade toda, de uma felicidade passiva. Céu é o espaço universal; são os planetas, as estrelas e todos os mundos superiores onde os Espíritos gozam plenamente de suas faculdades, sem as tribulações da vida material nem as angústias peculiares à inferioridade. As expressões "quarto, quinto céu", etc., indicam graus de purificação e, por conseguinte, de felicidade. Foi por isso que Jesus disse: "Meu reino não é deste mundo". É que o seu reinado também não consiste em um aglomerado de seus súditos neste planeta, mas se exerce unicamente sobre os corações puros e desinteressados. Ele está onde quer que domine o amor do bem. O bem reinará na Terra só quando, entre os Espíritos que a virão habitar, os bons predominarem, fazendo com que nela reinem o amor e a justiça, fonte do bem e da felicidade.

Predita foi a transformação da humanidade e nos avizinhamos do momento em que se dará. Essa transformação se verificará pela encarnação, aqui, de Espíritos melhores, que constituirão na Terra uma geração nova. Os Espíritos dos maus, que a morte vai ceifando dia a dia, e os de todos os que tentem deter a marcha das coisas, serão daqui excluídos, pois que viriam a estar deslocados entre os homens de bem, cuja felicidade perturbariam. Irão para outros mundos, menos adiantados, desempenhar missões penosas, trabalhando pelo seu próprio adiantamento e, ao mesmo tempo, pelo de seus irmãos ainda mais atrasados.

CONCLUSÃO

O Espiritismo se apresenta sob três aspectos diferentes:

- 1) o das manifestações;
- 2) o dos princípios e da filosofia que delas decorrem;
- 3) o da aplicação desses princípios..

Daí possuir o Espiritismo três graus de adeptos:

1) Os que crêem nas manifestações e se limitam a comprová-las. Para estes, o Espiritismo é uma ciência experimental.

2) Os que lhe percebem as conseqüências morais.

3) Os que praticam ou se esforçam por praticar a moral espírita.

Qualquer que seja o ponto de vista científico ou moral sob que considerem esses estranhos fenômenos, todos compreendem constituírem eles uma ordem inteiramente nova de idéias, que surge, e da qual não pode deixar de resultar uma profunda modificação no estado da humanidade; e compreendem igualmente que essa modificação não pode deixar de operar-se no sentido do bem.

Quando aos adversários, também podem ser classificados em três categorias:

1) A dos que negam sistematicamente tudo o que é novo ou deles não provenha, e que falam sem conhecimento de causa.

2) A esta classe pertencem todos os que admitem senão o que possa ter o testemunho dos sentidos. Nada viram, nada querem ver e ainda menos aprofundar.. Ficariam mesmo aborrecidos se vissem as coisas muito claramente, porque forçoso lhes seria convir em que não têm razão. Para eles, o Espiritismo é uma quimera, uma loucura, uma utopia. Não existe! E está tudo resolvido. São os incrédulos de caso pensado. Ao lado destes, podem colocar-se os que não se dignam de dar aos fatos a mínima atenção sequer, por descargo de consciência, a fim de poderem dizer: Quis ver e nada vi. Não compreendem que seja preciso mais de meia hora para alguém se inteirar de um ciência.

2) A dos que, sabendo muito bem o que pensar da realidade dos fatos, os combatem, todavia por motivo de interesse pessoal.

Para estes, o Espiritismo existe, mas lhe receiam as conseqüências. Atacam-no como a um inimigo.

3) A dos que acham na moral espírita uma censura por demais severa aos seus atos ou às suas tendências.

Tomado ao sério, o Espiritismo os embaraçaria. Não o rejeitam nem o aprovam. Preferem fechar os olhos.

Os primeiros são movidos pelo orgulho e pela presunção; os segundos pela ambição; os

terceiros pelo egoísmo.

Concebe-se que, nenhuma solidez tendo, essas causas de oposição venham a desaparecer com o tempo, pois em vão procuraríamos uma quarta classe de antagonistas, a dos que em patentes provas contrárias se apoiassem, demonstrando estudo laborioso e porfiado da questão. Todos apenas opõem a negação, e nenhum aduz demonstração séria e irrefutável.

Fora presumir demais da natureza humana supor que ela pōssa transformar-se de súbito, por efeito das idéias espíritas. A ação que estas exercem não é certamente idêntica, nem do mesmo grau, em todos os que a professam. Mas o resultado dessa ação, qualquer que seja, ainda que extremamente fraco, representa sempre uma melhora. Será, quando menos, o de dar a prova da existência de um mundo extracorpóreo, o que implica a negação das doutrinas materialistas. Isto deriva da só observação dos fatos, porém para os que compreendem o Espiritualismo filosófico e nele vêem outra coisa que não somente os fenômenos mais ou menos curiosos, diversos são os seus efeitos.

O primeiro e mais geral consiste em desenvolver o sentimento religioso até naquele que, sem ser materialista, olha com absoluta indiferença para as questões espirituais. Daí lhe advém o desprezo pela morte. Não dizemos o desejo de morrer; longe disso, porquanto o espírita defenderá sua vida como qualquer outro, mas uma indiferença que o leva a aceitar, sem queixa nem pesar, uma morte inevitável, como coisa mais de alegrar do que temer, pela certeza que tem do estado que se lhe segue.

O segundo efeito, quase tão geral como o primeiro, é a resignação nas vicissitudes da vida. O Espiritismo dá a ver as coisas de tão alto que, perdendo a vida terrená três quartas partes de sua importância, o homem não se aflige tanto com as tribulações que a acompanham. Daí mais coragem nas aflições, mais moderação nos desejos. Daí também o banimento da idéia de abreviar os dias da existência, por isso que a ciência espírita ensina que pelo suicídio sempre se perde o que se queria ganhar. A certeza de um futuro, que temos a faculdade de tomar feliz, a possibilidade de estabelecermos relações com os entes que nos são caros, oferecem ao espírita suprema consolação. O horizonte se lhe dilata ao infinito, graças ao espetáculo a que assiste incessantemente, da vida de além túmulo, cujas misteriosas profundezas lhe é facultado sondar.

O terceiro efeito é o de estimular no homem a indulgência para com os delitos alheios. Todavia, cumpre dizê-lo, o princípio egoísta e tudo o que dele decorre são o que há de mais tenaz no homem e, por conseguinte, mais difícil de desenraigar. Toda gente faz voluntariamente sacrifícios, contanto que nada custem e de nada privem. Para a maioria dos homens, o dinheiro tem ainda irresistível atrativo, e bem poucos compreendem a palavra supérfluo, quando de sua pessoa se trata. Por isso mesmo a abnegação da personalidade constitui sinal de grandíssimo progresso.

O Espiritismo não traz, ao mundo, moral diferente da de Jesus. Vem nãc só confirmá-la como mostrar-nos a sua utilidade prática. Toma inteligíveis e patentes as verdades que

havia sido ensinadas sob a forma alegórica. E, juntamente com a moral, traz-nos a definição dos mais abstratos problemas da psicologia.

Por bem largo tempo os homens se têm estraçalhado e anatematizado mutuamente em nome de um Deus de paz e de misericórdia, ofendendo-o com semelhante sacrilégio. O Espiritismo é o laço que um dia os unirá, porque lhes mostrará onde está a verdade e onde o erro.

Durante muito tempo, porém, ainda haverá es-eribas e fariseus que o negarão, como negaram o Cristo. Quer alguém saber sob a influência de que Espíritos estão as diversas seitas que entre si fizeram partilha do mundo? É só julgá-las pelas suas obras e pelos seus princípios. Jamais os bons Espíritos foram os instigadores do mal; jamais aconselharam ou legitimaram o assassinio e a violência; jamais estimularam os ódios dos partidos nem a sede das riquezas e das honras, nem a avidez dos bens da Terra. Os que são bons, humanitários e benevolentes para com todos, esses os seus prediletos e prediletos de Jesus, porque seguem a estrada que este lhes indicou para chegarem até ele.

FIM

INDICE

PRIMEIRA PARTE Causas Primárias CAPÍTULO I — Deus

Deus e o infinito 9

Provas da existênciade Deus 9

Atributos da divindade 10

Panteísmo 10

CAPÍTULO II — Dos elementos gerais do universo

Princípio das coisas ■ 11

Espírito e Matéria 11

Propriedade da Matéria 12

Espaço 13

CAPÍTULO III — Da Criação

Formação dos mundos 13

Formação dos seres vivos daTerra 13

Povoamento da Terra ' 14

Diversidade das raças humanas 14

Pluralidade dos mundos 14

A Criação e o Velho Testamento 15

CAPÍTULO IV — Do Princípio Vital

Seres orgânicos e inorgânicos 15

A vida e a morte 1 ••••• | • 16

SEGUNDA PARTE

Do Mundo dos Espíritos

CAPÍTULO I — Dos Espíritos

Origem dos Espíritos	f ^{13*} 21
Mundo normal primitivo	21
Forma e ubiqüidade dos Espíritos ..' ..	K ₁ 21
Perispirito	22
Diferentes ordens de Espíritos	22
Escala Espírita	23
Progressão Espírita	24
Anjos e Demônios	24

CAPÍTULO II — Da Encarnação

Objetivo da encarnação	25
A alma	25
Materialismo	j-H 26

CAPÍTULO III — Da volta do Espírito, extinta a vida corpórea, à vida espiritual

A alma após a morte	26
Separação da alma do corpo	27
Perturbação espírita	28

CAPÍTULO II — Da pluralidade das existências

A reencarnação	29
Justiça da reencarnação	^9
Encarnação nos diferentes mundos	■. 29
Transmigrações progressivas	, , 3 2
Sorte das crianças depois da morte.....	33
Sexo nos Espíritos	!..... 33
Parentesco. Filiação	34
Parecenças físicas e morais.....	34
Idéias inatas	36

CAPÍTULO V — Considerações sobre a pluralidade das

existências	37
-------------------	----

128

CAPÍTULO VI — Da vida espírita

Espíritos errantes	40
Mundos transitórios	41
Percepção, sensações e sofrimentos dos Espíritos ..	42
Ensaio teórico das sensações nos Espíritos	44
Escolha das provas . .r.	46
As relações no além-túmulo	48
Relações de simpatia e antipatia. Metades eternas .	49
Recordação da vida corpórea	50
Comemoração dos mortos	51

CAPÍTULO VII — Da volta do Espírito & vida corporal

Prelúdio da volta	51
União da alma e do corpo	62
Faculdades morais e intelectuais do homem	68
Influência do organismo	58
Idiotismp. Loucura	54
A infância HMHj	BB
Simpatia e antipatia terrenas	55
Esquecimento do passado	56

CAPÍTULO VIII — Da emancipação da alma

O sono e os sonhos	56
Visitas espirituais entre pessoas vivas	57
Transmissão oculta do pensamento	57
Letargia, catalepsia, mortes aparentes	57
Sonambulismo	58
Êxtase ,..... .-j.....	58
A dupla vista	59
CAPÍTULO IX — Da intervenção dos Espíritos no mundo corporal	
Penetração dos nossos.....pensamentos	59
Influências em nossos pensamentos e atos	59
Possessos	60
Convulsionários 'f.....	60
Afeição que os Espíritos votam a certas pessoas ...	60
Anjos da guarda, Espíritos protetores, familiares ou simpáticos	61
Pressentimentos	61
Influência dos Espíritos noB acontecimentos da vida	62
Ação dos Espíritos nos fenômenos da natureza	
Os Espíritos durante os combates .	
Pactos	
Poder oculto. Talismãs. Feiticeiros .	
Bênçãos e maldições	
CAPITULO X — Das ocupações e missões dos Espíritos	
CAPITULO XI — Dos Três Reinos	
Os minerais e as plantas.. .	
Os animais e o homem ...™	
A. metempsicose	M. ¹
TERCEIRA PARTE Das Leis Morais	
CAPÍTULO I — Da Lei Divina ou Natural	
Caracteres da Lei Natural	
Conhecimento da Lei Natural?••	
O bem e o mal	
Divisão da Lei Natural	
CAPÍTULO II — Da Lei de Adoração	
Objetivo da odoração	
Adoração exterior	
Vida contemplativa	
A prece	

Politeísmo

Sacrifícios

CAPÍTULO III — Da Lei do Trabalho

Necessidade do trabalho

Limite do trabalho. Repouso ..

CAPÍTULO IV — Da Lei de Reprodução

População do globo

Sucessão e aperfeiçoamento das raças

Obstáculos à reprodução

Casamento e celibato '.....

Poligamia

CAPITULO V — Da Lei de Conservação

Instinto de conservação	80
Meios de conservação	80
Gozo de bens terrenos	81
Necessário e supérfluo	81
Privações voluntárias.Mortificações	82

CAPÍTULO VI — Da Lei de Destruição

Destruição necessária edestruição	abusiva	83
Flagelos destruidores		84
Guerras >*;		85
Assassínio.....		85
Crueldade		85
Duelo!&.....		86
Pena de morte		86

CAPÍTULO VII — Da Lei de Sociedade

Necessidade da vida social	80	
Vida de isolamento. Voto de silêncio	86	
Laços de família	1.....	87

CAPÍTULO VIII — Da Lei de Progresso

Estado da natureza	87
Marcha do progresso	88
Povos degenerados	89
Civilização	89
'Progresso da legislação humana	89
Influência do Espiritismo no progresso	90

CAPÍTULO IX — Da Lei de Igualdade

Igualdade natural	90
Igualdade de aptidões	■ 90
. Desigualdades sociais	91
Desigualdade das riquezas	91
As provas da riqueza e da miséria	92
Igualdade perante o mundo	93

CAPÍTULO X — Dá Lei de Liberdade

Liberdade natural	9°
Escravidão	

Liberdade de Pensar	94
Liberdade de consciência	94
Livre arbítrio	94
Fatalidade	95
Conhecimento do futuro	96
Resumo teórico do móvel das ações humanas ...	96
CAPÍTULO XI — Da Lei de Justiça, de Amor e de Caridade	
Justiça e direitos naturais	97
Direito de propriedade. Roubo	98
Caridade e amor ao próximo	99
Amor materno e filial	100
CAPÍTULO XII — Da Perfeição Moral	
As virtudes e os vícios	100
Paixões	102
O egoísmo	102
Caracteres do homem de bem	103
Conhecimento de si mesmo	103
QUARTA PARTE Das Esperanças e Consolações	
CAPÍTULO I — Das Penas e Gozos Terrestres	
Felicidade e infelicidade relativas	107
Perda de entes caros	108
Decepções. Ingratidão. Afeições destruídas	109
Uniões antipáticas	109
Temor da morte	110
Desgosto da vida: Suicídio	110
CAPÍTULO II — Das penas e gozos futuros	
O nada. A vida futura	111
Instituição de penas e gozos futuros	111
Intervenção de Deus nas penas e recompensas	112
Natureza das penas e gozos futuros	112
Penas temporais	112
Expição e arrependimento	112
Duração das penas futuras	110
Ressurreição da carne	112
Paraíso, inferno e purgatório	112
CONCLUSÃO	132